

AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL Nº 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontinuos@dirbi.ufu.br.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

INSTITUTO DE HISTÓRIA

HENRIQUE DANIEL GOMES

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

**O USO DOS RECURSOS TECNOLÓGICOS NA EDUCAÇÃO
INFANTIL DA CIDADE DE UBERLÂNDIA/MG**

UBERLÂNDIA /MG

2014

HENRIQUE DANIEL GOMES

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

**O USO DOS RECURSOS TECNOLÓGICOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL DA
CIDADE DE UBERLÂNDIA/MG**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de História da UFU como requisito de
obtenção de graduação em História.

Orientação: Prof.^a Dr.^a Marta Emísia Jacinto
Barbosa

UBERLÂNDIA/MG

Henrique Daniel Gomes

**O USO DOS RECURSOS TECNOLÓGICOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL DA
CIDADE DE UBERLÂNDIA/MG**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de História da UFU
como requisito de obtenção graduação
em História

Prof.^a Dr.^a MARTA EMÍLIA JACINTO BARBOSA

(Orientação) – UFU

Prof.^a MES. LETÍCIA SIABRA

Prof. DIEGO MARCOS LEÃO

Uberlândia/MG, Doze de Fevereiro de Dois Mil e Quinze

Dedico ao meu pai e à minha mãe.

Meus pilares nos bons e maus momentos de
minha vida.

Que não importa o que aconteça ou o que eu
faça, estão sempre esperando por mim.

Agradecimentos

Não consigo pensar neste espaço aqui como também uma forma de fazer um desabafo. Agradecer a todos que colaboraram para que eu começasse, vivesse e encerrasse esse ciclo é de extrema importância. Mas gostaria apenas de resumir o que sinto nesse momento de conclusão de curso, para que assim o leitor consiga mensurar o tamanho da minha gratidão pelos que aqui serão citados.

Não precisarei falar do começo do meu ciclo em história, mas do meio para fim. Assim como na minha vida pessoal, a relação com o curso de história é de divórcio. Comecei muito apaixonado e realizado, mas no meio do caminho veio à desilusão. Desilusão com toda a estrutura oferecida pelo INHIS, mas não deixo de ressaltar minhas falhas como aluno, minha falta de esforço e dedicação. E desde o 3º para o 4º período venho me arrastando para fazer o curso que estava cada dia deixando de amar. Mantive-me firme até início de 2011, quando uma proposta de trabalho em Guarapari – ES me cativou. Tranquei o curso por 1 ano e vi que meu divórcio era definitivo. Acontece que voltei para Uberlândia. E, fui tentar reatar, desfazer meu divórcio. Ledo engano. Não havia nem amor, nem paixão. Mas em 2012 entrei na educação infantil, e, um ano depois atuando na área, comecei conceber como seria bom ser um historiador atuando na educação infantil. Aos poucos foi renascendo minha paixão pela história. E no ano passado decidi concluir finalmente o curso. Até porque em um momento difícil de minha vida pessoal, tentar escrever essa monografia foi algo que me livrou de uma possível depressão e me deu forças para encarar as dificuldades da vida. Hoje, minha relação com história ainda é de divórcio. Mas não existe mais magoa ou rancor. Vivi muitas histórias ao longo desse curso. E com certeza terei muitas boas memórias dele. Não existe indiferença mais, existe gratidão. Por isso, agradeço a essa monografia, por me fazer gostar de novo de história. Esse trabalho de longe ficou entre os melhores, mas cumpriu em mim sua função: gostar de ser (ou pelo menos tentar) um historiador.

Não posso deixar de agradecer a Deus em primeiro lugar, evangélico de criação e cristão de concepção moral e filosófica, busco primeiro a Deus acima de todas as coisas.

Não posso deixar de agradecer ao meu pai e minha mãe. Minha força quando quis desistir, minha moral quando passei dos limites, minha cobrança quando precisei de alguns puxões de orelha, meu porto seguro e minha bonança após a tempestade. E agradecendo a eles não deixo de agradecer a toda minha família: irmãos, irmã, sobrinhas, etc.

Não posso deixar de agradecer à minha orientadora. que me aceitou mesmo com tão pouco tempo para a produção desse trabalho. Que confiou e me orientou. Agradeço pelo tempo disposto para construir e concluir esse trabalho.

Não posso deixar de agradecer aos grandes amigos que fiz nesse curso. Amigos que às vezes até culpo por não ter largado esse curso por conta da amizade e vontade de estar sempre com eles. Amigos que viraram irmãos. “SMFC Rules!” como dizemos por entre os corredores do instituto de história.

Não posso deixar de agradecer ao professor e professora que irão compor minha mesa de defesa da monografia. Por atenderem a um pedido de minha orientadora em cima da hora e se disporem a participar desse momento importante para minha pessoa.

Não posso deixar de agradecer as pessoas que participaram das entrevistas, pela colaboração que deram a minha pesquisa. Foi de extrema importância para esse trabalho a participação de vocês.

Enfim, aconteça o que acontecer no dia da defesa, eu estou feliz. Eu me reencontrei. ‘Que se faça o sacrifício, e, cresçam logo as crianças’ (trecho da música Aloha, Legião Urbana).

Resumo

O presente trabalho vem demonstrar como a inserção de recursos tecnológicos nas salas de aula infantis pode determinar uma maior aprendizagem das crianças que fizerem uso dos mesmos. Aborda-se ainda a questão da melhora na capacitação dos educadores infantis como forma de potencialização da transmissão do conhecimento que é ministrado aos infantes. O método usado na confecção do trabalho foi o dedutivo, em que se partiu de pesquisas realizadas na bibliografia citada, bem como de entrevistas particulares realizadas numa EMEI municipal para o universo de situações recorrentes nas salas de aula do ensino infantil na cidade de Uberlândia/MG. Tentou-se demonstrar como alguns educadores não estão aptos a usarem recursos tecnológicos em suas aulas e qual o impacto educacional provocado por isso nas crianças compreendidas na faixa etária respectiva. Tratou-se do tema sob o ponto de vista de um educador infantil que percebe diuturnamente como esses recursos poderiam ampliar a aprendizagem dos alunos, sendo que citamos até mesmo exemplos reais de comportamentos infantis modificados pelo uso de alguns vídeos passados em sala de aula.

Sumário

Introdução.....	09
‘Cantemos felizes a canção do dia’	09
CAPÍTULO I.....	12
1. Breve introdução histórica.....	12
1.1 A evolução da educação infantil no Brasil.....	13
1.2 Da educação infantil após o advento da Constituição Federal de 1988.....	20
1.3 Da Lei de Diretrizes de Base da Educação Nacional e demais normas afetas à Educação Infantil.....	22
2. Do papel do educador na evolução do ensino infantil.....	26
3. Do papel desempenhado pela tecnologia na sociedade moderna.....	31
3.1 Do papel desempenhado pela tecnologia na educação.....	34
3.1.1 Do caso concreto.....	36
Capítulo II – Situação da educação infantil na cidade de Uberlândia.....	42
2.1 Análise dos depoimentos dos profissionais que atuam na educação infantil.....	44
2.2 Das expectativas da educação infantil frente ao moderno avanço tecnológico.....	55
3. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	60
‘Vamos fazer pam, pampanranrampampam’	60
ENTREVISTAS.....	66
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	67

Introdução

‘Cantemos felizes a canção do dia’

Qual o sentido desse título? Primeiramente ele faz referência a uma canção cantada na rotina da sala de aula na educação infantil. Geralmente canta-se essa música no início da manhã, para exaltar o dia da semana em questão. Mas seu objetivo principal não é ressaltar para criança o dia da semana, e sim tentar educar a criança para que ela aprenda ‘datar’ sua vida. Assim, todos os dias essa música é cantada, trocando apenas o dia da semana na letra. Ela é entoada sempre com o acompanhamento de palmas e buscando um sorriso no rosto. E assim começamos a conceber a proposta de educação infantil que temos hoje: brincar e educar em sintonia.

O sentido, portanto, é usar esse título como uma metáfora, de modo a introduzir reflexões para a leitura dessa monografia. Ao colocar esse trecho da música, queremos remeter o leitor a algumas questões: perceber como funciona a didática da educação infantil; mensurar como questões pedagógicas são trabalhadas de forma lúdica; procurar compreender que lidamos com crianças de 0 a 3 anos, e por isso a educação infantil, como primeiro contato de todo ser humano com o conhecimento acadêmico, procura ensinar a criança brincando.

O ensino pedagógico na educação infantil se adéqua às necessidades, fragilidades e dificuldades da criança. As temáticas são taxativamente repetidas, dia após dia, os resultados são colhidos em longo prazo e o aprendizado na educação infantil trabalha rotineiramente o desenvolvimento da criança, sem força-lá a pular etapas caso ela não consiga acompanhar a turma. Vislumbrar esses apontamentos ajudará e muito na percepção do tema a ser tratado nesse trabalho.

Praticamente, na educação infantil, o professor e os educadores infantis não estão presos a currículos, livros didáticos, nem cronogramas de disciplinas e temas a serem tratados ao longo do ano nas salas de aula. Ou pelo menos, na educação infantil que ocorre em Uberlândia não existe a dureza de se seguir esses parâmetros pedagógicos como ocorre no ensino médio e

fundamental. No decorrer do trabalho, isso ficará mais claro. De certa forma, essa autonomia da educação infantil é fruto de um debate antigo sobre a construção de uma escola cidadã dentro de uma (proposta de) cidade educadora.

Esse tema de cidade educadora inclusive foi proposta da campanha política vitoriosa do atual prefeito da cidade de Uberlândia, Gilmar Machado. Portanto, para melhor análise, compreensão e avaliação deste trabalho, seria muito interessante ter em mente certa noção do que é a educação infantil, mesmo que superficialmente, fugindo do senso comum de que a escola de educação infantil é um depósito de crianças e da concepção de que a criança nessa faixa etária é incapaz de grande desenvolvimento pedagógico e de assimilação do aprendizado realizado nas escolas.

O presente trabalho será dividido em 2 capítulos mais as considerações finais. No primeiro capítulo será feito um breve histórico da educação infantil no mundo e no Brasil, apontando questões políticas, sociais e financeiras que levaram a construção das primeiras creches e como foi o seu desenvolvimento para termos essa proposta de educação infantil. Ainda nesse capítulo, situaremos a questão brasileira, mas nada muito aprofundado, pois o interesse e foco deste trabalho é promover discussões e reflexões sobre os educadores infantis e o uso de recursos tecnológicos na educação infantil.

Nesse primeiro momento, acredita-se que as questões e concepções, assim como formas de olhar e refletir sobre educação infantil, citadas anteriormente, já poderão ser percebidas. Nesse capítulo além de discorrer sobre esse histórico, levantaremos a questão da evolução tecnológica que ocorre em nosso mundo e como estamos rodeados de tecnologias atualmente no nosso cotidiano. Porém, a educação de modo geral ainda resiste em utilizar recursos tecnológicos para fins pedagógicos e didáticos em sala de aula. E quando o faz, usa arcaicamente.

Além disso, descreveremos um projeto simples realizado na EMEI Sônia, no qual, usando um data show, notebook e vídeos do *youtube*, realizamos um 'cineminha' que ajudou a lidar com um caso de racismo entre

dois alunos. Situação esta que levou o autor do texto a repensar o papel da tecnologia na educação e como ela pode ser utilizada.

Já o 2º capítulo será focado na análise de entrevistas com educadores infantis. Essas entrevistas visam demonstrar o pensamento, comportamento e formação de alguns profissionais que atuam na educação infantil na cidade de Uberlândia. Alguns entrevistados aceitaram divulgar seu nome e Emei que trabalham sem problemas. Uma das entrevistadas usará um pseudônimo. E outra entrevistada concedeu a entrevista em off, desde que não fosse nem gravada ou filmada, além de nenhum dado seu ser divulgado. Nesse capítulo perceberemos como estamos defasados no quesito formação de profissionais, pois encontramos casos de educadores infantis sem formação, com formação em outra área ou com formação específica, porém, formados numa escola tradicional que não trabalha ou mal trabalha o uso de tecnologias em sala de aula. Poderemos, a partir dessas entrevistas, ter noção de como é a estruturação da educação infantil que se tem hoje na cidade de Uberlândia. E dentro dessa estrutura, ver qual o espaço cedido para comportar tecnologias já presentes em demasia no mundo fora dos muros da EMEI.

Finalizaremos com as considerações finais, nas quais tentou-se amarrar de forma coerente tudo o que foi exposto no trabalho. Procurando fazer algumas reflexões, ponderações e considerações sobre os temas aqui abordados e principalmente a defesa do desenvolvimento de uma educação infantil que use as tecnologias existentes para ampliar as condições de qualidade da educação.

Se hoje em nossa cidade existe a proposta de transformação em uma cidade educadora, a escola precisa acompanhar esse desenvolvimento. E um dos passos para esse desenvolvimento é romper com alguns dogmas e doutrinas da educação tradicional. E a partir do momento que a formação de profissionais se basear nesse pensamento poderemos ter uma educação infantil que busque a construção de relações humanas e sociais para enfrentar as questões públicas locais. Uma educação que se faça tanto de dentro para fora, quanto de fora para dentro, que saiba assimilar as generalizações do

nosso mundo, tornar-se-á mais um espaço cultural dentro da cidade. Uma educação que não só crie conhecimento, mas, principalmente, o transforme.

CAPÍTULO I

1. Breve introdução histórica

O movimento de transformação social ocorrido no mundo após a implantação do capitalismo modificou drasticamente as estruturas sociais em todas as suas instâncias. De maneira que até mesmo as crianças tiveram sua vivência transformada pela recente onda de exploração da força mecânica humana que assolava a sociedade. Dessa maneira, modificou-se também o modo como o processo educacional se dava. Assim, passou-se a valorizar mais a força de trabalho do que a educação propriamente dita.

Essas modificações ocorreram em todos os países do mundo, conforme o capitalismo avançava e a estrutura social se transformava para moldar-se ao novo modelo econômico.

Nesse sentido, Marx¹, discutindo a apropriação realizada pelo capital sobre as forças de trabalho presentes na sociedade, dentre elas a das mulheres e crianças, anotou o seguinte:

[...] a maquinaria permitiu o emprego de trabalhadores sem força muscular e com membros mais flexíveis, o que possibilitou ao capital absorver as mulheres e as crianças nas fábricas. A maquinaria estabeleceu um meio de diversificar os assalariados, colocando, nas fábricas, todos os membros da família do trabalhador, independentemente do sexo e da idade de cada um. Se, até então, o trabalhador vendia somente sua própria força de trabalho, passou a vender a força da mulher e dos filhos.

A preocupação das famílias pobres era sobreviver, sendo assim, as sevícias por que passavam as crianças do período eram vistas como atitudes normais por uma sociedade que precisava empregar o máximo possível de pessoas para manter o modelo econômico que se erguia. Os absurdos

¹ MARX, Karl. **Divisão do trabalho e manufatura**. In: _____. **O Capital**. São Paulo: Difel, l. 1, v. 1, 1982. p. 386-422

praticados contra os infantes chegaram a limites tão extremos que algumas mulheres, por pura caridade, passaram a acolher crianças vítimas de maus tratos que moravam nas ruas e cuidarem delas por sua própria conta. Tal atitude foi amplamente apoiada pela sociedade da época, eis que assim todos se viam livres do estorvo e da sujeira provocados pelas crianças abandonadas.

1.1 A evolução da educação infantil no Brasil

No Brasil a história da educação infantil não difere muito dos processos educacionais ocorridos em outros lugares do mundo. Já no final do século XIX, com a expansão do capitalismo e a crescente industrialização do país, é implantado o serviço de creches para atender as crianças durante a jornada de trabalho dos pais, que já não mais possuíam tempo suficiente para vender sua força motriz e cuidar da prole, pois estavam cada vez mais ocupados e ausentes em razão da assunção dos postos de trabalhos que surgiam nas cidades.

Uma detenta análise do processo histórico de aparição das instituições públicas e particulares de atenção à criança pequena mostra que os serviços de assistência e guarda dos menores foram desapropriadas da família, principalmente daquelas em que as mães eram trabalhadoras. Após a absolvição da força de trabalho da mulher pelo mercado e o crescimento do interesse capitalista na inserção de novos trabalhadores cada vez mais cedo nas indústrias que dominavam os centros urbanos, apareceram inúmeros berçários, pré-escolas e jardins de infância. Assim, é necessário que se compreenda a lógica capitalista que moldou as relações sociais a partir de então para que se possa entender propriamente como se deu a evolução das políticas públicas educacionais que culminaram no atual cenário educacional infantil brasileiro.

Sobre o assunto, a autora Gilda Rizzo² afirma:

[...] aumentaram os riscos de maus tratos às crianças, reunidas em maior número, aos cuidados de uma única, pobre e despreparada mulher. Tudo isso, aliado a pouca comida e higiene, gerou um quadro caótico de confusão, que terminou no aumento de castigos e muita pancadaria, a fim de tornar as crianças mais sossegadas e passivas. Mais violência e mortalidade infantil.

Ainda segundo Sanches³,

a idéia de creche surge na Europa, no final do século XVIII e início do século XIX. A creche propunha-se a guardar crianças de 0 a 3 anos, durante o período de trabalho das famílias, e a instituição teve origem na necessidade atrelada ao nascente capitalismo e à urbanização. Ainda segundo a autora, no Brasil, a creche surge no final do século XIX, decorrente do processo de industrialização e urbanização do país. Nesse período ocorre o crescimento das cidades localizadas nas regiões ricas, pela migração das áreas mais pobres que buscavam trabalho e melhores condições de vida.

E continua a escritora:

os problemas sociais nascidos do modelo de industrialização recentemente implantado no país agravaram-se com o aumento da população pobre, do desemprego e subemprego. Na busca de alternativas para contenção do desenvolvimento desordenado dos pólos de atração, segmentos da sociedade civil, entre eles, médicos, juristas, Igrejas Católicas, articulam como o Estado um plano de assistência às populações menos favorecidas. Para garantir a dominação do capital, a filantropia torna-se uma adaptação da antiga caridade que se preocupava com a diminuição do custo social, com a reprodução da classe trabalhadora e com o controle da vida dos pobres. Por iniciativa dos donos das indústrias são construídas vilas operárias, próximas às fábricas, com mercearias, escolas, creches, clubes esportivos, com o patrocínio de instituições filantrópicas, mulheres da alta sociedade e do estado.

A idéia inicial era atender bem o filho do operário para que este fosse mais produtivo e trabalhasse mais satisfeito. Tudo nos moldes do capitalismo, que pouco a pouco dominava o Brasil e o mundo.

² RIZZO, Gilda. **Creche: organização, currículo, montagem e funcionamento**. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003

³ SANCHES, Emilia Cipriano. **Creche – realidade e ambigüidades**. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

Nesse ínterim, a sociedade brasileira tornava-se tão padronizada quanto qualquer outra da época, eis que o modelo de desenvolvimento adotado pelo capitalismo nivelava e ainda nivela todas as nações que o tomaram como modelo econômico definitivo.

E assim sendo passou-se a direcionar a educação cada vez mais no sentido da profissionalização do educando, pois as crianças – e principalmente as filhas de operários – deveriam ser treinadas para o mercado de trabalho, mais e mais competitivo a cada dia que passava, a fim de que pudesse ser mantido o desenvolvimento sustentável do país, pelo menos no aspecto humano da coisa. Dessa maneira, a importância da educação infantil foi se tornando cada vez maior, de modo que vários segmentos da sociedade passaram a atuar no sentido de aperfeiçoar o acesso ao ensino e a qualidade do mesmo, em busca de proporcionar índices de crescimento nacional sempre maiores, tomando-se como base o nível educacional da população.

O modelo de educação infantil então vigente era praticamente o mesmo dos dias atuais: as crianças eram levadas para a escola e lá ficavam durante o período da manhã ou tarde, sendo que algumas delas, ainda em idade não escolar ficavam nas creches, conforme acima citado.

Acerca do assunto, comenta Vital Didonet⁴:

Enquanto para as famílias mais abastadas pagavam uma babá, as pobres se viam na contingência de deixar os filhos sozinhos ou colocá-los numa instituição que deles cuidasse. Para os filhos das mulheres trabalhadoras, a creche tinha que ser de tempo integral; para os filhos de operárias de baixa renda, tinha que ser gratuita ou cobrar muito pouco; ou para cuidar da criança enquanto a mãe estava trabalhando fora de casa, tinha que zelar pela saúde, ensinar hábitos de higiene e alimentar a criança. A educação permanecia assunto de família. Essa origem determinou a associação creche, criança pobre e o caráter assistencial da creche.

Ainda no final do século XIX, quando da abolição da escravatura, período em que se dava a migração do campo para as grandes cidades que surgiam no

⁴ DIDONET, Vital. **Creche: a que veio, para onde vai**. Em Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais. v 18, n. 73. Brasília, 2001. p.11-2.

país, ocorreram iniciativas de proteção à infância em larga escala. A mortalidade infantil estava em alta por vários motivos, dentre eles os anteriormente citados, e uma parcela da população passou a se preocupar mais com essa situação. Diante disso, criou-se as casa Misericórdia, organizações filantrópicas de proteção à infância, mantidas pela iniciativa privada, bem como um número acentuado de creches, que também não se filiavam ao Estado, mas encontravam sua fonte de financiamento nas iniciativas particulares de organizações filantrópicas.

Assim, programas de atendimento à criança de custos praticáveis para os núcleos familiares pobres surgiram para atender essas famílias que não tinham com quem deixar seus filhos por ocasião da jornada de trabalho, sempre crescente e cada vez mais necessárias ao bem estar de seus membros.

Nessa época surgiram ainda os Jardins de Infância, baseados em instituições assistencialistas européias, que já haviam enfrentado essa problemática antes do Brasil, devido à expansão do modelo capitalista ter-se dado por lá bem antes do ocorrido nas terras tupiniquins.

Com o tempo e o aumento do número de operários, bem como devido a vários outros fatores, como a inserção e o crescimento do aproveitamento da mão-de-obra feminina no proletariado que surgia, os movimentos trabalhistas se intensificaram no Brasil. Assim, começou-se a organizar a classe e passou-se a exigir melhores condições de trabalho para os obreiros dos centros urbanos, sendo que dentre as exigências surgidas, estava a de que houvesse instituições de abrigo digno e educação dos filhos dos trabalhadores, que começavam a perceber o fracasso daqueles que não possuísem o mínimo de educação para se garantir no mercado de trabalho voraz que surgia.

Assim, conforme aduz, Zilma Moraes Oliveira⁵:

Os donos das fábricas, por seu lado, procurando diminuir a força dos movimentos operários, foram concedendo certos

⁵ OLIVEIRA, Zilma Moraes R. **Creches: Crianças, faz de conta & Cia.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1992.

benefícios sociais e propondo novas formas de disciplinar seus trabalhadores. Eles buscavam o controle do comportamento dos operários, dentro e fora da fábrica. Para tanto, vão sendo criadas vilas operárias, clubes esportivos e também creches e escolas maternas para os filhos dos operários. O fato dos filhos das operárias estarem sendo atendidos em creches, escolas maternas e jardins de infância, montadas pelas fábricas, passou a ser reconhecido por alguns empresários como vantajoso, pois mais satisfeitas, as mães operárias produziam melhor.

No decorrer dos anos que se seguiram essas instituições se solidificaram. Contudo, enquanto as instituições públicas atendiam às crianças advindas de famílias menos economicamente abastadas, as organizações particulares surgidas com propósitos pedagógicos funcionavam em período fracionado, ou seja, o infante não permanecia nela por período integral, mas sim por um turno: o matutino ou o vespertino. Essas instituições davam ênfase à socialização e à preparação para o ensino regular dos internos. Sendo assim, crianças de classes sociais diferentes eram submetidas a “educações” diferentes. Enquanto os filhos dos operários eram educados para serem trabalhadores, a prole das famílias de classe média ou superior recebia uma proposta pedagógica que privilegiava o convívio social e a criatividade, de modo a se tornarem pessoas de maior capacidade de comando e com talentos para as artes. Ou seja, na verdade, a diferença era a mesma que existe hoje entre crianças educadas nos colégios do Estado e aquelas que são alunas de escolas particulares de grande porte, como as que se dizem líderes de aprovações em cursos normalmente ocupados pelas famílias de classe média-alta, como as escolas de medicina, por exemplo.

A partir de 1930, o Estado assumiu quase que definitivamente o papel de buscar financiamento de órgãos privados, que viriam a colaborar com a proteção da infância. Nesse sentido, diversos órgãos oficiais foram criados no intuito de prestar assistência à criança e seus direitos, tais como o Ministério da Saúde; Ministério da Justiça e Negócios Interiores, Previdência Social e Assistência social, Ministério da Educação e também a iniciativa privada. A preocupação da década centrava-se no combate à mortalidade infantil, por isso optaram por desenvolver atividades voltadas para educação física e saneamento ambiental das crianças como fator de desenvolvimento das

mesmas. Neste momento histórico iniciou-se a organização de creches, jardins de infância e pré-escolas de modo desordenado e com o intuito de respostas imediatas, como se os problemas infantis criados pela sociedade, pudessem ser resolvidos por essas instituições num simples passe de mágica.

Já durante a Ditadura Militar, o sistema educacional estava bem mais aparelhado e organizado. Conforme dito, já havia um Ministério da Educação e os estados membros possuíam cada um sua própria Secretaria de Educação, sendo estas responsáveis por todos os níveis de educação no estado em questão.

A década de 1960 foi uma época de transição no Brasil em que o país passou de uma oligarquia montada com os resquícios da monarquia escravocrata para uma ditadura militar implantada com o advento do Golpe Militar de 1964.

Com o golpe militar o comando das Secretarias de Educação foi assumido por oficiais da Marinha e durante esse período o ensino no Brasil sofreu grandes atrasos e perdas, vez que os militares copiaram o modelo educacional dos Estados Unidos e o implantaram à força, como lhe era comum, nas instituições de ensino brasileiras. Chegou-se mesmo a fechar algumas instituições mantidas pela igreja e que não apoiavam o modelo de ensino patrocinado pelo Governo. Infrações disciplinares eram criadas a esmo pelos oficiais do governo, impedindo a escola de evoluir propriamente e banindo os educadores que fossem contra o modelo de ensino estadunidense que era implantado à revelia em todas as escolas do país. Esses atrasos surtiram efeito no modo como os alunos eram educados e na maneira como os educadores passavam o conhecimento.

E foi assim que durante dez longos anos a educação brasileira esteve completamente sob o jugo do terrorismo fascista do regime militar. Sendo que no ano de 1979 foi criado e aprovado pelo Congresso Nacional um projeto de lei tratando da representação estudantil.

Esse quadro de pressão generalizada levado a cabo pela ditadura acabou por enfraquecer as bases do ensino nacional, vez que muitos professores se viram desesperados com a situação e abandonaram suas carreiras no magistério, enquanto que outros se tornaram apáticos e resignados, refletindo sua descrença em seu mister e relegando a licenciatura ao desleixo.

Assim, no período compreendido entre as décadas de 1950-60, operou-se uma mudança no paradigma educacional nacional representada pela nova “escola” implantada no Brasil.

Contudo, não há revolução sem resistência. E em 1960, no Recife, foi criado o MCP⁶, objetivando alcançar as seguintes metas:

- Promoção da educação de crianças e adultos;
- Desenvolvimento das virtudes do ser humano, por meio da educação integral e de base comunitária com ensino religioso facultativo;
- Agregar valor na mão-de-obra popular por meio da educação profissional;
- Colaborar com a interpretação, sistematização e transmissão dos aspectos da cultura popular
- Elevação do nível cultural do povo, preparando-os para a vida e para o trabalho
- criação de escolas e turmas, crescimento e liquidação da quantidade de alunos assistidos, bem como de professores e monitores, construções de praças de cultura, que contavam com aparato cultural multidisciplinar, Centro de Cultura e outros.

A proposta do Movimento de Cultura Popular era a democratização da cultura e da educação de base nacional, propiciando condição de participação de todos os segmentos da sociedade no processo produtivo da cultura e da educação tupiniquim.

⁶ Movimento da Cultura Popular

A educação popular então foi se concretizando em um instrumento de transformação social, compromissada com as forças políticas que se apoiavam no movimento popular.

Dentre os muitos casos de instrumentos de trabalho criados pelo MCP, destaca-se a edição da Cartilha de Norma Porto Carreiro e Josina Maria Lopes de Godoy para a alfabetização de adultos. Tentativa de inclusão dos adultos até então desprovidos do senso crítico advindo da educação acadêmica no campo da produção cultural responsável.

Esse quadro de supressão e controle dos modos de ensino durou até o final da Ditadura, quando as bases da educação foram reformuladas para que se abandonasse o modelo americano implantado à força no Brasil e que visava modelar a população ao modo de vida capitalista.

1.2 Da educação infantil após o advento da Constituição Federal de 1988

Com a entrada da Constituição Federal de 1988, a chamada Constituição Cidadã, as bases da educação infantil foram remodeladas e passou-se a encarar as crianças não mais como meros objetos do plano educacional, mas sim como sujeitos de direitos e garantias por parte do Estado e de todas as suas instituições, inclusive sendo modificada sua posição até mesmo perante seus próprios pais.

A partir do advento dessa nova constituição, a educação de crianças de 0 a 6 anos, apontada até então como mero assistencialismo estatal, passou a ser uma obrigação do Estado e direito subjetivo do infante. Sendo que até mesmo as creches, anteriormente simples meios de manter a criança abrigada enquanto os pais laboravam, conforme acima disposto, passou a gozar do status de órgão educacional, pois que constante da Lei Maior no capítulo referente à educação básica.

De acordo com as diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil de 2010⁷,

O atendimento em creches e pré-escolas como direito social das crianças se afirma na Constituição de 1988, com o reconhecimento da Educação Infantil como dever do Estado com a Educação. O processo que resultou nessa conquista teve ampla participação dos movimentos comunitários, dos movimentos de mulheres, dos movimentos de trabalhadores, dos movimentos de redemocratização do país, além, evidentemente, das lutas dos próprios profissionais da educação

Assim, passou-se a direcionar uma maior atenção aos meios educacionais existentes no Estado para que pudessem ser efetivadas as garantias previstas na Lei Magna. Essa mudança de ponto de vista deu origem a toda uma legislação voltada para a proteção e manutenção dos postos escolares, vagas em escolas – no caso municipal EMEIs – criação de creches, etc, que pudessem atender aos direitos educacionais infantis presentes na Constituição Federal. E nesse diapasão foram editadas Leis variadas que tratavam do tema, como por exemplo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB, de 1996, que veio firmar a educação infantil como a primeira etapa da Educação Básica. Dessa forma, conforme escreveu Tiriba⁸,

[...] o trabalho pedagógico com a criança de 0 a 6 anos adquiriu reconhecimento e ganhou uma dimensão mais ampla no sistema educacional: atender às especificidades do desenvolvimento das crianças dessa faixa etária e contribuir para a construção e o exercício de sua cidadania.

⁷ BRASIL. **Ministério da Educação**. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil / Secretaria de Educação Básica**. – Brasília : MEC, SEB, 2010

⁸ TIRIBA, Lea. **Educar e cuidar: buscando a teoria para compreender discursos e práticas**. Rio de Janeiro: Ática, 2005

1.3 Da Lei de Diretrizes de Base da Educação Nacional e demais normas afetas à Educação Infantil

Após a edição da Constituição de 1988 grandes avanços foram alcançados pela legislação voltada à educação infantil, e o maior deles foi a LDB.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, Lei nº 9.394/96) regulamenta a Educação Infantil, definindo-a como primeira etapa da Educação Básica e indicando como sua finalidade o desenvolvimento integral da criança de zero a seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade.

Tal legislação foi uma grande conquista no tocante à educação das crianças brasileiras, pois, conforme acima exposto, em épocas passadas vimos que os infantes tornaram-se praticamente objetos descartados pela sociedade capitalista crescente.

Nesse sentido, a tal Lei teve de reconstruir nossa compreensão jurídica acerca do que vem a ser criança, educação e grande parte dos serviços afetos ao tema. Diante disso políticas públicas foram planejadas e executadas no intuito de mudar o panorama da Educação Infantil no Brasil. A LDB nos fez perceber ainda quais mudanças são necessárias e possíveis, bem como deu início a um novo panorama da educação de crianças entre 0 e 6 anos em nosso país.

Por meio da Lei de Diretrizes de Base da Educação Nacional alcançamos grandes avanços no que diz respeito aos direitos da criança pequena, uma vez que a educação infantil, além de passar a ser considerada a primeira etapa da Educação Básica, tornou-se um direito subjetivo da criança, tendo a LDB o objetivo de proporcionar condições adequadas à garantia do bem-estar infantil tais como o desenvolvimento físico, motor, emocional, social, intelectual e a ampliação de suas experiências.

Diante de tal perspectiva, alguns objetivos devem ser alcançados para que se realizem as previsões da LDB. Dentre eles os mais importantes são:

- Social: visando a questão da mulher, eis que a mesma tornou-se grande participante da vida social, econômica, cultural e política do país, principalmente nas últimas duas décadas;
- Educativo: representando o novo limite a que estão sujeitas tais crianças, pois passaram a possuir direito líquido e certo à educação que fazem jus;
- Político: com os avanços na legislação pátria acerca da educação infantil a criança passa a ser ente político importantíssimo de nossa sociedade, pois a ela devem ser direcionadas várias ações do Estado brasileiro, vez que, conforme assevera Didonet⁹, “a criança tem o direito de falar e de ouvir, de colaborar e de respeitar e ser respeitada pelos outros”.

Complementarmente à LDB, o Ministério da Educação publicou, em 1998, a série de documentos intitulados “Subsídios para o credenciamento e o funcionamento das instituições de educação infantil”, que contribuíram de maneira bastante significativa para a formulação das normas e diretrizes da educação de crianças em idade entre 0 e 6 anos em todo o território nacional. Editou-se ainda o “Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil”, objetivando implementar práticas de excelência educacional nos Centros de Educação Infantil. Este último documento surgiu como um compêndio de objetivos e orientações didáticas voltadas aos profissionais da educação de crianças na faixa de idade acima referida.

Tais documentos ressaltam que as crianças atendidas pelas instituições responsáveis por sua educação devem desenvolver habilidades variadas em e não somente aprender o conteúdo curricular básico previsto para elas. Segundo o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, as atividades devem ser oferecidas para as crianças não só por meio das brincadeiras, mas também por meio de situações pedagógicas orientadas. Nesse sentido, a integração de ambos os aspectos é de grande importância no desenvolvimento do trabalho do educador infantil, vez que:

⁹ *Op. Cit.*

Educar significa, portanto, propiciar situações de cuidados, brincadeiras e aprendizagens orientadas de forma integrada e que possam contribuir para o desenvolvimento das capacidades infantis de relação interpessoal, de ser e estar com os outros, em uma atitude de aceitação, respeito e confiança, e o acesso pelas crianças, aos conhecimentos mais amplos da realidade social e cultural¹⁰.

Contudo, alcançar a qualidade e a excelência na educação de crianças envolve bem mais esforço do que parece. Inclui-se aí a busca por um projeto a ser implantado nas instituições educativas, formação e valorização do educador e dotação orçamentária destinada à faixa etária em estudo, sendo extremamente necessário que os recursos destinados aos programas educativos sejam efetivamente empregados exclusivamente nesse nível de ensino. Para que essa meta seja alcançada, aprovou-se no ano de 2001 a Lei nº 10.172/2001, conhecida como Plano Nacional de Educação, que teve como objetivo principal estabelecer as metas para todos os níveis de ensino, sendo que sua vigência se deu até o ano de 2010.

Em total correspondência com a legislação acima citada bem como em sintonia com o processo histórico ocorrido até então e que delineou a trajetória das instituições afetas à educação infantil tais como as creches, jardins de infância, pré-escolas, dentre outras, o Ministério da Educação acabou por definir o ano de 2006 como sendo o ano da Política Nacional de Educação Infantil, promovendo nesse intervalo suas diretrizes, objetivos, metas e estratégias para o ensino infantil. Observando ainda o seguinte:

A prática pedagógica considera os saberes produzidos no cotidiano por todos os sujeitos envolvidos no processo: crianças, professores, pais, comunidade e outros profissionais; Estados e municípios elaborem ou adéquem seus planos de educação em consonância com a Política Nacional de Educação Infantil; as instituições de educação infantil ofereçam, no mínimo, quatro horas diárias de atendimento educacional, ampliando progressivamente para tempo integral, considerando a demanda real e as características da comunidade atendida nos seus aspectos sócio-econômicos e culturais; as instituições de Educação Infantil assegurem e divulguem iniciativas inovadoras, que levam ao avanço na

¹⁰ BRASIL, **Ministério da Educação e do Desporto**. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. Brasília, DF: MEC/SEF, 1998.

produção de conhecimentos teóricos na área da educação infantil, sobre infância e a prática pedagógica; a reflexão coletiva sobre a prática pedagógica, com base nos conhecimentos historicamente produzidos, tanto pelas ciências quanto pela arte e pelos movimentos sociais, norteie as propostas de formação; os profissionais da instituição, as famílias, a comunidade e as crianças participem da elaboração, implementação e avaliação das políticas públicas.¹¹

Contudo, apesar dos avanços alcançados na legislação voltada para a educação infantil, ainda há muito o que melhorar nesse sentido. Existem ainda grandes problemas no tocante ao acesso e à qualidade desse ensino, principalmente no que diz respeito às escolas públicas – no nosso caso, os EMEIs.

Mesmo que nas últimas décadas tenha havido um significativo aumento do número de crianças atendidas por creche e pré-escolas, os serviços deixam muito a desejar em razão do desinteresse dos gestores do sistema de educação municipal e nacional, conforme recentemente foi noticiado pelo programa CQC, em visita ao município.

Quanto à qualidade do ensino, ressalta Barreto¹²:

As instituições de educação infantil no Brasil, devido à forma como se expandiu, sem os investimentos técnicos e financeiros necessários, apresenta, ainda, padrões bastante aquém dos desejados [...] a insuficiência e inadequação de espaços físicos, equipamentos e materiais pedagógicos; a não incorporação da dimensão educativa nos objetivos da creche; a separação entre as funções de cuidar e educar, a inexistência de currículos ou propostas pedagógicas são alguns problemas a enfrentar.

¹¹ BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Básica. **Política nacional de educação infantil**. Brasília, DF : MEC/SEB, 2006

¹² **BARRETO**, Ângela M. R. **Situação atual da educação infantil no Brasil**. In: BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Subsídios para o credenciamento e funcionamento de instituições de educação infantil. v. 2. Coordenação Geral de educação infantil. Brasília: MEC/SEF/COEDI, 2008. p. 25.

2. Do papel do educador na evolução do ensino infantil

Segundo Rubem Braga,

"O estudo da gramática não faz poetas.

O estudo da harmonia não faz compositores.

O estudo da psicologia não faz pessoas equilibradas.

O estudo das "ciências da educação" não faz educadores.

Educadores não podem ser produzidos. Educadores nascem.

O que se pode fazer é ajudá-los a nascer.

Para isso eu falo e escrevo:

para que eles tenham coragem de nascer.

Quero educar os educadores. E isso me dá grande prazer

porque não existe coisa mais importante que educar.

Pela educação o indivíduo se torna mais apto para viver:

aprende a pensar e a resolver problemas práticos da vida.

Pela educação ele se torna mais sensível e mais

rico interiormente,

o que faz dele uma pessoa mais bonita, mais feliz

e mais capaz de conviver com os outros.¹³

O educador infantil é uma das figuras mais importantes de todo o processo educacional. Nele tem-se a origem do processo de transmissão do conhecimento como o entendemos modernamente. É dele que partem as primeiras lições aprendidas por todos nós. Com ele a criança inicia sua caminhada rumo à formação de sua personalidade além do recôndito de seu lar. Ele é a pessoa com quem as crianças pequenas passam a maior parte do seu tempo, com a única exceção dos seus pais e dos outros membros de sua própria família.

¹³ O Educador.

É na escola, como um segundo ambiente socializador, que a criança começa a ampliar sua rede de relações e constrói conhecimentos bastante significativos a seu modo de perceber a vida. Sendo que o educador é a pessoa que lhe abre as portas do desconhecido, descortinando um mundo de conhecimento até então oculto às crianças que lhe seguirão as lições.

Sendo o adulto alguém que a criança instintivamente tenta imitar, cabe ao educador ser possuidor de um carinho imenso com seus alunos, pois é através de um olhar, do toque que muitas crianças revelam suas emoções de tristeza e alegria. Primordialmente, além de todo conhecimento que se tenha a partir da teoria, a prática do educador infantil será tão mais grandiosa quanto seu poder de contribuir de forma ativa no crescer e desenvolver de seus alunos.

Tais tarefas são, de longe, importantíssimas no desenvolvimento ulterior dos alunos que iniciam sua jornada através do conhecimento por meio do educador infantil.

Sendo assim, espera-se desses profissionais uma crescente responsabilidade e dedicação na execução de suas tarefas, eis que é uma das figuras formadoras da personalidade de seus alunos. Entretanto, não é fácil desempenhar esse papel. E o “tio(a)” do maternal deve ser muito bem recompensado pelos seus trabalhos, haja vista a importância de sua participação na vida das crianças que com ele estudam.

Contudo, as recentes pesquisas realizadas com educadores infantis apontam que o desgaste físico do professores(as) é muito acentuado, vez que o trabalho realizado com crianças pequenas exige bastante esforço físico e muita inteligência emocional, além de desempenho psíquico ímpar.

O cansaço físico advém do excesso de energia despendida com as crianças, que são em sua grande maioria extremamente ativas. E isso implica numa certa proximidade física dos infantes, até mesmo para mantê-los sob vigília, eis que são bastante peraltas. Tal mister é deveras bastante cansativo e requer um certo preparo do educador infantil, que deve estar sempre a

postos quando da realização de seus trabalhos com as crianças. Nesse sentido, Bárbara Ongari¹⁴ afirma:

Além de raramente ficar parada, [...] a educadora também carrega as crianças no colo, levanta-as, principalmente para a troca; e ainda, permanece sentada ao lado delas, freqüentemente no chão, o que exige muita energia sempre que for necessário se levantar.

Esse trabalho é ainda agravado pelo cansaço psicológico, pois o educador deve estar atento a todo momento e responder às exigências de várias crianças ao mesmo tempo, pois as salas, ainda que comportem poucos alunos, devem sempre estar sob total atenção do mesmo, eis que as crianças estão todas sob sua responsabilidade direta.

A falta de metodologia ou o excesso de rigor no desempenho das atividades educacionais podem exaurir as forças do professor e prejudicar o entendimento dos alunos. Além do mais, a alfabetização precoce ou a inexistência de atividades variadas no currículo educacional das crianças aliados a uma remuneração inexpressiva podem minar a saúde psicológica do educador, que se não estiver diariamente preparado para os desafios da profissão, irá, cedo ou tarde, ficar exausto e perder qualidade na prestação de seu serviço.

Importa destacar que a efetivação de um bom trabalho com crianças tem início no momento em que o professor compreende e se apropria das possibilidades pedagógicas com que tem contato durante o decorrer de sua carreira. Isso se dá devido às inúmeras variáveis contidas no processo pedagógico que se emprega no ato de educar. Com o tempo o educador percebe modos diferentes de realizar uma mesma tarefa, sendo que alguns deles facilitam o aprendizado dos alunos, devendo, portanto, serem repetidos a fim de que se aperfeiçoe o processo de aprendizagem da criança sem fazê-la passar pelas agruras da alfabetização precoce ou pela rigidez excessiva do

¹⁴ ONGARI, Bárbara; **MOLINA**, Paola. A **educadora de creche: construindo suas identidades**. Tradução: Fernanda L. Ortale e Ilse Paschoal Moreira. São Paulo: Cortez, 2003.

processo educacional. Tais atitudes requerem, como antes dito, uma grande capacidade psicológica do educador aliada a uma estrutura curricular flexível.

Isso envolve nova concepção de currículo, entendido como trajetória de exploração partilhada de objetos de conhecimento de determinada cultura, por meio de atividades diversificadas, constantemente avaliadas.¹⁵

Sendo assim, o conteúdo curricular não pode e nem deve ser encarado como algo linear e imutável, ou mesmo individual. Mas sim como um projeto integrado e originado pela coletividade da equipe multidisciplinar que compõe o corpo docente do centro de ensino em questão. Questões básicas como o tempo, disposição espacial, rotina, materiais disponíveis, brinquedos, recursos humanos, dentre outros devem estar sempre presentes no desenvolvimento das atividades – lúdicas ou não – voltadas para a educação dos alunos pequenos.

A sobreposição do aprender natural e espontâneo da criança pelo conhecimento estruturado que é passado pelas escolas simplesmente solapa a lógica infantil de entendimento da natureza a sua volta. Dessa maneira, as brincadeiras, os jogos e a espontaneidade das crianças acabam se perdendo no abismo do elitismo educacional. Se o educador infantil não tiver a sensibilidade de perceber quando deve lançar mão de meios inovadores e não convencionais no ato de ensinar as crianças pequenas, estará nesse momento correndo o perigo de imbricar por caminhos sem volta na perda de qualidade de sua função, pois não conseguirá despertar a atenção dos estudantes mirins, de modo que seus ensinamentos passarão ao largo da capacidade cognitiva deles, não surtindo assim o efeito esperado. Portanto, faz-se necessário que professor procure cada vez mais ampliar a intimidade da criança com o ambiente que a cerca por meio de todas as possibilidades possíveis, tais como os brinquedos, imagens, sons e brincadeiras com outras crianças.

A educação infantil pressupõe a existência de uma proposta pedagógica diferenciada e formatada à idade dos estudantes, que tenha como foco

¹⁵ OLIVEIRA, Zilma Moraes R. **Educação infantil : fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2002.

principal o brincar. Portanto, a figura do educador deve se confundir com a de um mediador na consecução do conhecimento de forma criativa que vai além dos cuidados rígidos e “adultizados” tão comuns aos tratos assistencialistas da saúde, alimentação e proteção do aluno mirim.

O educador deve, portanto, usar da brincadeira como princípio norteador das atividades pedagógicas que pretende desenvolver com seus alunos se quiser que eles se interessem por seus ensinamentos e assim possam absorvê-los propriamente. Contudo, tal perspectiva não é tão facilmente alcançável quanto parece. Ela requer sensibilidade e dedicação do profissional para que seja eficaz. É necessário muita paciência, paz de espírito, tranquilidade e satisfação com o que se faz para que se possa entender a mente simples mas perspicaz das crianças de modo a contemplá-las com a ludicidade necessária ao seu aprendizado sem que se desvirtue o objetivo de inculcar-lhes algo durante as aulas.

É essencial que o educador crie situações de aquisição do conhecimento para suas crianças, ou seja, oportunidades de contatos com todos os meios possíveis de aprendizado, sejam eles quais forem. Em especial aqueles que mais lhes chamem a atenção, visto que nessa idade elas são muito curiosas e absorvem bastante das lições que lhes interessem. Sendo assim, cabe ao professor organizar o espaço físico, os materiais concretos e a interação entre os alunos, tudo a fim de facilitar o processo de compreensão do que deve ser passado aos menores. Esse processo, como já mencionado alhures, pode se dar por meio de brincadeiras e jogos, bem como trocas orais constantes com crianças da mesma e de diferentes faixas etárias e com adultos, para que assim ocorram as trocas afetivas, os enfrentamentos e a resolução de problemas, que fortalecerão a formação da personalidade da criança, facilitando o processo de aprendizado da mesma, conforme se dão as respectivas situações de conflitos, desafios e frustrações.

Insta salientar que existem diversas ferramentas bastante úteis no desempenho dessas tarefas por parte do educador infantil. E atualmente grande parte delas se resume ao uso da tecnologia em sala de aula como

forma de despertar e manter o interesse dos alunos no conteúdo a lhes ser apresentado.

Nesse sentido, passaremos a expor, neste e nos próximos capítulos, algumas maneiras de se usar recursos eletrônicos tais como aparelhos de som, reprodutores de vídeo, projetores, computadores, dentre outros que podem auxiliar de maneira decisiva no trabalho do professor com as crianças pequenas.

Iniciaremos essa demonstração por meio da descrição de um caso concreto ocorrido aqui mesmo na cidade de Uberlândia, mais precisamente no EMEI Sônia. Espera-se que o leitor atento compreenda como os meios eletrônicos e a própria internet podem ser usados com muita propriedade no dia-a-dia de uma sala de aula de educação infantil a fim de que se alcance os resultados da implantação de um projeto pedagógico diferenciado, moderno e bastante efetivo.

Passemos às demonstrações.

3. Do papel desempenhado pela tecnologia na sociedade moderna

Nos dias de hoje vemos o crescimento exponencial do uso de tecnologias no cotidiano das pessoas. Apenas por observarmos nossos arredores, podemos perceber o hábito muito comum das pessoas em ficarem constantemente ligadas aos seus celulares, navegando ininterruptamente na internet, vez que esses aparelhos estão conectados à rede praticamente vinte e quatro horas por dia. E em grande parte dos casos, o motivo de tal uso é o acesso a algum tipo de mídia virtual social, como por exemplo o *Facebook*, o *whatsApp* ou o *tweeter*.

Por onde quer que se ande, pode-se encontrar nítidos traços de tais avanços tecnológicos. Para pessoas que moram em grandes centros urbanos, essa utilização é ainda mais latente, afinal, a correria do dia-a-dia aliada às grandes distancias que separam os habitantes das metrópoles praticamente obriga as pessoas a manterem um contato frio entre elas, pois não resta tempo para que possamos nos encontrar pessoalmente. Assim, a cada dia que passa

estamos convivendo mais intensamente com a utilização dessas tecnologias. Elas estão presentes em restaurantes, bares, praças, lojas, indústrias e principalmente em nossas casas; enfim, estamos cercados por elas. É comum até mesmo para as crianças, mesmo no início de suas vidas, lidarem com aparelhos tecnológicos como os já citados celulares, bem como com tablets, GPS, computadores, notebooks, vídeo games, dentre muitos outros aparelhos que usam conexão wireless, bluetooth, comandos acionados apenas pela voz, etc, e que são extremamente comuns em nosso cotidiano.

Com isso, vemos uma mudança do pensamento criativo em nossa sociedade, no qual o ser humano passa a desenvolver novas técnicas de linguagem oral, escrita e digital, todas interligadas de certa maneira. Temos tecnologias cada vez mais inovadoras invadindo nossas vidas, nos influenciando e, em alguns casos, até mesmo nos controlando.

Tanto acesso tecnológico nos faz pensar em como utilizar algumas dessas inovações dentro da sala de aula. Por esse motivo, vemos o crescente debate de novas metodologias, pedagogias, sistemas e formas de ensino que promovam a inclusão tecnológica, tanto de profissionais da educação, quanto de alunos. Como podemos pensar hoje na realização de algumas tarefas sem o auxílio de um computador? Escrever artigos, projetos, fazer pesquisas, ou mesmo alguns simples trabalhos de escola se tornaram praticamente outras formas de dizer “digitar”. É mesmo muito difícil pensar na estrutura acadêmica hoje em dia sem um percentual mínimo de tecnologia e da sua utilização. Podemos obter o acesso à informação – seja ela de má ou boa qualidade – com um simples clique, o que difere bastante de épocas passadas, nas quais a busca pelas informações se dava apenas por meio de livros, revistas, jornais, televisão e outras mídias impressas.

Dessa forma, acabamos por criar uma verdadeira geração filha das tecnologias, na qual os alunos modernos dominam plenamente as novas formas de acesso à informação, e a tendência é que as próximas gerações sejam cada vez mais afetadas e dependentes da tecnologia. Recursos inovadores como lousas interativas, apresentações multimídia, retroprojetores, etc, já estão

sendo amplamente usados desde os primórdios da educação infantil. Pode-se considerar que o uso dessas tecnologias contribui para o aprendizado do aluno de maneira decisiva, tornando o período que o mesmo se encontra dentro da escola muito mais aproveitável.

Assim, essas tecnologias ultrapassaram o uso para o qual foram concebidas, pois, aliadas à técnica e à criatividade, se transformaram em uma ferramenta importantíssima na construção e/ou transformação do saber. E tal construção se faz desde a infância, através de interações dos sujeitos com o objeto do conhecimento.

Essa proposta de uso da tecnologia é reconhecida nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, uma vez que apontam que

ao reconhecer as crianças como seres íntegros, que aprendem a ser e conviver consigo próprias, com os demais e o meio ambiente, de maneira articulada e gradual, as Propostas Pedagógicas das Instituições de Educação Infantil devem buscar a interação entre as diversas áreas do conhecimento e aspectos da vida cidadã, como conteúdos básicos para constituição de conhecimentos e valores... Desta maneira, os conhecimentos sobre espaço, tempo, comunicação, expressão, a natureza e as pessoas devem estar articulado com os cuidados e a educação para a saúde, sexualidade, a vida familiar e social, o meio ambiente, a cultura, as linguagens, o trabalho, o lazer, a ciência e a tecnologia ¹⁶.

Portanto, temos o respaldo legal do uso de tecnologias na ampliação do desenvolvimento do ensino desde a educação infantil, o que explora as potencialidades das tecnologias e cria consequentemente ambientes que enfatizam a aprendizagem.

Isso acaba exigindo do profissional da educação novas habilidades e novas posturas e também exige que as escolas tenham estrutura adequada à implantação e ao acesso a tais tecnologias. Porém, o que se nota é que as escolas de ensino público ainda se mostram precárias na obtenção e na utilização desses avanços para proporcionar novos métodos de educação que acompanhem o desenvolvimento precoce dos novos alunos.

¹⁶ Parecer CEB022/98-Mec

Este contudo não é o escopo do trabalho, que visa debater o uso de novas tecnologias na educação infantil, de modo a inserir mais facilmente a criança num ambiente marcado pela presença das novas formas de conhecer e saber, conforme presenciado em nosso dia-a-dia. Além disso, pretende-se especular acerca de uma formação educacional que consiga inserir os alunos nos avanços tecnológicos que estão à disposição no mundo moderno.

3.1 Do papel desempenhado pela tecnologia na educação

Pode-se considerar que as novas tecnologias devem ser usadas para a integração social, além de expandir e integrar novos conhecimentos e promover melhor aproveitamento daqueles já produzidos. Se desde a educação infantil esse trabalho for desenvolvido, torna-se mais fácil promover uma formação de base linear com os avanços tecnológicos. À medida que se consegue unir educação e tecnologia, superam-se preconceitos e pré-conceitos.

No caso da cidade de Uberlândia, a estrutura da educação infantil tende a torna-se integral para todas as idades da faixa etária. E normalmente os novos alunos já estão acostumados a lidar com recursos tecnológicos diversos em suas residências. Eles estão acostumados a brincar com brinquedos que imitem sons, imagens e jogos eletrônicos, que conseguem chamar sua atenção. Além de portarem celulares e até mesmo notebooks, dependendo da idade de cada um. Este fato é, na verdade, algo muito útil para a educação infantil, pois em ambientes comuns e sem atrativos a criança tende a perder rapidamente a concentração, o que dificulta a apreensão do conteúdo que lhe é passado. Com o auxílio dessas novas tecnologias, fica mais fácil prender a atenção do estudante mirim por um período maior de tempo, e fazê-los apreender os ensinamentos passados com mais facilidade e de modo mais marcante.

O domínio desses recursos tecnológicos faz-se imprescindível pelos profissionais da educação, pois, como já citado, os alunos já chegam na sala de aula senhores de muitos deles, eis que os tem disponíveis em suas casas desde muito cedo. Portanto, quanto mais íntimos das novas tecnologias

estejam os profissionais da educação, melhor será o aproveitamento de seus alunos, pois, conforme acima dito, ele poderá passar seu conhecimento de forma mais eficaz e de maneira que as crianças possam apreendê-los com mais facilidade

Esta análise é voltada para crianças em idade de três anos. Nessa fase seu desenvolvimento é muito rápido, elas começam a se diferenciar reconhecendo-se como indivíduos, sua coordenação motora fica mais aprimorada e seu interesse em desenhar, manusear lápis, massinhas, giz, montar peças de encaixe, tem grande ênfase nessa fase. Elas têm facilidade para manusear mouses, teclados, micro-ondas, computadores, tablets, celulares, dentre outros. Estão mesmo aprendendo a trabalhar com base na tentativa e erro, sem medo, com a curiosidade aflorada, vivendo intensamente o prazer de cada descoberta. Elas começam a absorver muito do que está em seu redor e aprender com isso, pois seu interesse em saber como as coisas funcionam é bastante vívido e aflorado. Elas passam por uma fase de desenvolvimento em que mexem em tudo, sujam, quebram coisas e fazem bastante bagunça. É a concebida fase do terror para os pais. O aprendizado nessa fase é por ação, integração e mediação, pois o desenvolvimento do infante se insere na dimensão social, sendo que a interação criança/objeto se dá por intermédio de outra pessoa.

Durante esse processo, torna-se extremamente importante a preparação do profissional de educação, e a maneira como ele vai trabalhar pedagogicamente dentro da sala de aula. Ainda mais que as crianças ficam por volta de dez horas no EMEI. Os alunos confiados a aos educadores precisam começar a construir sua individualidade, desenvolver sua autonomia e segurança, cabendo aos professores e educadores em geral estarem conscientes de suas atribuições e da complexidade de sua função para conseguir oferecer as melhores possibilidades aos docentes.

A criança aprende melhor, mais rápido e com maior aproveitamento quando se sente segura, amada e em estado de conforto, ficando assim aberta aos novos conhecimentos passados a ela pelo EMEI. Além disso, suas

necessidades básicas tais como comer, dormir, brincar, descansar devem ser prontamente atendidas. Somente dessa forma a proposta pedagógica de educação infantil pode atingir seus objetivos efetivamente. Durante sua estada na EMEI, os educadores se transformam em referências para as crianças, que vão os imitar, em todos os sentidos, pois vêem neles seus paradigmas de ação. Nesse ponto os profissionais mais capacitados conseguem obter a proximidade necessária para que elas aprendam eficazmente, e assim contribuem para sua formação educacional e pessoal.

Conforme dito anteriormente, para exemplificar a utilização de recursos tecnológicos dentro de uma sala de educação infantil citaremos um trabalho realizado na EMEI Sônia.

3.1.1 Do caso concreto

No ano de 2012, uma vez por semana, realizávamos o 'cineminha' na sala do G3-A (crianças de 3 anos). Esse trabalho consistia em abordar temáticas como flora, fauna, educação ambiental, fauna marinha, etc, por meio de vídeos obtidos através do *youtube*. Esses vídeos em geral eram curtos – 2 a 5 minutos – em sua maioria eram cantados e desenhados. Para as apresentações utilizou-se um datashow, um notebook, um aparelho de som e a internet.

Essa proposta nos fez conseguir bons resultados. Percebemos como as crianças se concentravam ao verem o cineminha, como interagiam e como assimilavam as propostas e ensinamentos ali embutidos.

Mais especificamente, tivemos um caso, no qual o cineminha contribuiu para lidar com um grave problema que ocorreu na sala de aula: o racismo. A situação ocorreu uma semana antes, quando um aluno, branco, loiro e sempre bem vestido, agrediu um coleguinha negro, que usava roupas mais simples e aparentava, pelas suas vestimentas, ser de família mais simples e pobre que a do coleguinha que o agrediu. O aluno branco, além de bater no aluno negro, disse que não gostava dele porque ele era sujo, e além disso, pediu para tomar banho por se julgar sujo ao encostar-se no aluno negro.

Quando nos deparamos com essa situação, tivemos uma conversa com o aluno caucasiano, ocasião em que ele afirmou que sua mãe lhe disse que os negros são sujos. O caso foi relatado à direção da escola, porém atitude alguma foi tomada. Em razão disso, resolvi, em conjunto com as educadoras do período em questão trazer essa temática das diferenças raciais, sociais e físicas, focando na tolerância e respeito entre os diferentes para o projeto do cineminha debatido.

Utilizamos um vídeo com a intenção de valorizar as diferenças e sensibilizar essa criança que apresentava certo preconceito em relação ao colega de classe.

O vídeo postado no *youtube*¹⁷ é narrado por uma mulher negra retratada de forma lúdica por meio da junção de uma foto real de seu rosto com o desenho estilizado de seu corpo. Ela apresenta a autora do livro *Menina Bonita do Laço de Fita*, Ana Maria Machado. Acredito que a forma caricaturada das duas personagens serve com artifício gráfico para despertar o interesse da criança pelo fato das formas desenhadas e misturadas com as fotos serem mais atrativas para eles.

Após apresentar a autora, a narradora faz um breve resumo de sua vida, dando a impressão de proximidade entre a escritora e a vida social das crianças. Ela descreve a autora como uma carioca, cita seu bairro, cita suas aptidões (pintora, tradutora de livros), aponta também sua graduação acadêmica obtida no exterior e que ela tem uma livraria para crianças, sendo a mesma uma escritora especializada em livros infantis. A narradora informa no vídeo que a autora detesta a injustiça e que acha bacana a diferença, sendo este o motivo dela ter escrito esse livro enquanto refletia sobre as diferenças. Enquanto faz a descrição da autora, o vídeo constrói um ‘ambiente infantil’ através de imagens e desenhos, ou seja, ilustra a autora pintando, escrevendo, etc., mostrando papéis que simbolizam a escrita e por fim coloca a escritora em um avião de papel no qual alguns de seus livros saem voando do avião. Dessa

¹⁷ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=W9eBpv-WPAs>

forma, os primeiros 50 segundos do vídeo buscam inserir a autora e a narradora no universo infantil de uma forma bastante lúdica.

Nesse momento a narradora começa a falar do livro. A história começa descrevendo a menina bonita do laço de fita, uma menina linda, com olhos de pupilas assemelhadas a azeitonas pretas e brilhantes, com cabelos enrolados e bem negros comparando-os a fiapos da noite. Além disso, ela tem uma pele escura e lustrosa, como uma pantera negra ao pular na chuva. Enquanto faz essa descrição, a narradora passa a imagem de uma menina e para cada comparação de uma qualidade dela associa uma imagem simbólica. Essa forma de descrição, aliada às imagens visa admirar a beleza negra de uma forma exótica, usando de artifícios lúdicos para atrair a atenção das crianças. Em seguida mostra a mãe da menina fazendo tranças nela, com laços de fita colorida, mostrando um penteado típico da cultura afro brasileira. A narradora então diz que a menina fica parecida com uma princesa da África ou como uma fada do luar, enquanto a cena mostra a menina com seus laços prontos enrolada em um lençol branco.

A cena seguinte insere o coelho branco na estória, enquanto a narradora o descreve com olhos vermelhos, orelha cor de rosa e focinho nervoso. As imagens retratam-no admirando a menina pela janela com roupas de balé vendo que está sendo admirada, mas sem se importar. A narradora conta que o coelho pensa, enquanto admira a menina, que quando ele se casar gostaria de ter um filha pretinha como ela. Esses pensamentos levam-no à casa da menina, local onde ela está deitada em uma rede lendo um livro, ocasião em que o animal pergunta qual o segredo que a faz ser tão pretinha e linda. A menina, por não saber a resposta, inventa que caiu na tinta preta quando era pequenina. Logo em seguida aparece o coelho se jogando em um balde de tinta e saindo de lá pretinho, o que o deixa muito contente. Porém, ao cair uma chuva o coelho é lavado e volta a ser branquinho. Insistente, ele retorna à casa da menina e depara-se com ela desenhando, quando repete a mesma pergunta à garota. Ela mais uma vez sem saber responder, inventa outra história e dessa vez diz que quando pequenina tomou muito café. Assim o coelho sai correndo para tomar café e enquanto a narradora descreve a cena,

vemos o coelho tomando muito café e depois passando a noite em claro no banheiro fazendo xixi. Não contente, ele volta à casa da menina e dessa vez ela inventa que quando pequenina comeu muita jabuticaba. Com isso vemos o coelho correr para um pé de jabuticaba e se empanturrar da fruta, ficando pesado e não conseguindo sair do lugar. Mais uma vez, além de não ficar preto, ele faz muito cocozinho preto e redondo, conforme demonstrado no vídeo.

Nota-se a valorização da beleza negra, já que em todo momento o vídeo busca mostrar a dedicação do coelho em se tornar pretinho para poder ter filhos e filhas negros. Outro ponto de destaque é a inserção da menina em atividades típicas de crianças: balé, leitura, desenho e dobraduras. Percebe-se a intenção de aproximar a menina da realidade infantil das crianças que lêem o livro e vêem o vídeo, criando uma vinculo entre eles. Além disso, a cena de interação entre o coelho e a menina, e as desastradas tentativas dele em ficar pretinho servem de recurso lúdico para despertar o interesse dos infantes no vídeo.

Após a ultima tentativa frustrada, o coelho volta à casa da menina e ela está no sofá com sua mãe, que lê um livro para ela. Ao repetir a pergunta já feita outras vezes, o coelhinho, que já ia recebendo mais alguma resposta inventiva da menina é interpelado pela mãe dela, que trata de mostrar e ele uma foto da avó da menina, fazendo-o coelho perceber que parecemos com nossos parentes. Enquanto a situação é narrada, vemos o coelho olhando para várias fotos de sua família, toda composta de coelhos e coelhas brancos. O que o faz enxergar que para ter uma filha preta como a menina, precisa se casar com uma coelha preta também. Nesse momento vemos o vídeo ressaltando a questão da miscigenação das raças como algo bom, bonito e normal.

Por fim o coelho nem procura muito e logo encontra uma coelha escura como a noite, que se encanta com a brancura dele. Assim eles namoram, casam e têm muitos filhos, de várias cores, inclusive uma coelhinha bem pretinha, que era afilhada da menina bonita do laço de fita. E do mesmo jeito

que a menina, quando a coelhinha anda na rua perguntam o que ela faz para ser tão pretinha e ela responde que é graças aos conselhos da sua madrinha. Dessa forma o vídeo se encerra com uma mensagem de valorização das diferenças, respeito e tolerância.

Após passar esse vídeo algumas vezes durante o cineminha, em conjunto com muito diálogo com a criança que demonstrava preconceito, conseguimos perceber mudanças em suas atitudes e em relação ao coleguinha negro. Ele parou de agredir o menino, de chamá-lo de sujo e evitar a proximidade do mesmo. Mas ainda assim ocorreram situações durante as brincadeiras entre ambos em que ele, discretamente, chegava a alguma das educadoras e pedia para tomar banho, alegando que se sentia sujo, mas não mencionava que era pelo fato de ter brincado com o coleguinha negro. De qualquer forma, conseguimos chegar a um resultado positivo sobre essa questão, o que comprova, no entendimento deste autor, como pode ser útil a conciliação do ensino com os recursos pedagógicos embasados nas tecnologias audiovisuais. Acreditamos que o resultado só não foi melhor, pelo fato da própria direção da escola não ter procurado conversar com os pais do garoto. Além disso, devido ao aprendizado da tolerância étnica passado pela escola, bem como o respeito pela diversidade ensinado dia-a-dia no EMEI perder muito de sua força frente ao convívio dos alunos com seus pais e demais familiares preconceituosos, é fundamental que escola e família estejam em consonância nos sentido de orientar as crianças a serem mais respeitosos com seus semelhantes.

Outro ponto a ser ressaltado acerca desse vídeo é o fato de como ele foi positivo na classe em geral. Tínhamos uma sala muito mesclada, alunos negros, brancos e pardos. Havia uma aluna negra que usava um penteado igual ao da menina bonita do laço de fita e os alunos começaram a se identificar e perceberem as diferenças étnicas ali existentes. Mas o principal fato a ser considerado foi o de que eles começaram a se conscientizar que, mesmo sendo de cores e etnias diferentes, estavam todos ali juntos brincando, fazendo atividades, comendo e dormindo. Que viviam uma rotina igual para

todos, sem diferenças, mesmo sendo eles diferentes entre si. Passando a respeitarem-se mais após esse trabalho.

Dessa maneira, temos um exemplo prático e concreto de como os meios de comunicação modernos podem influenciar positivamente no aprendizado de alunos dos primeiros anos da academia. Assim fica claro como as tecnologias atuais podem atuar de maneira decisiva no ato de educar as crianças e até mesmo os adultos, eis que, conforme dito alhures, tornou-se impossível pensar na academia dos dias atuais sem a interferência dos meios de comunicação e das tecnologias inovadoras presentes no dia-a-dia do estudante.

Capítulo II – Situação da educação infantil na cidade de Uberlândia

Como vimos anteriormente, devido às demandas sociais e imposições do capitalismo para os trabalhadores, criou-se a necessidade de que estes tivessem um local para deixar seus filhos enquanto trabalhavam. Também vimos que durante a década de 1960 o debate entre creche x EMEI tornou-se acirrado. E com a constituição de 1988 a educação infantil passou a ser remodelada, ganhando mais espaço de debate na sociedade, investimento e dedicação, tanto de políticos quanto da população e do meio acadêmico.

Nesse sentido a cidade de Uberlândia vem se destacando principalmente na última década. Estima-se que o município se encontra entre as cidades brasileiras com maior número de unidades de educação infantil. De acordo com o site da prefeitura municipal de Uberlândia, atualmente existem na cidade 63 escolas de educação infantil, e mais 32 unidades de educação infantil conveniadas (ONGs). Porém, em outra página do mesmo site da prefeitura tem-se a seguinte informação¹⁸:

EDUCAÇÃO INFANTIL

Finalidade: desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade. (Art. 29 da LDB).

Horário de Atendimento: De segunda a sexta-feira, das 07:00 às 17:00 horas

Nº de Locais de atendimento: 88

Nº de vagas: 18.454

Pela experiência que se adquire como educador infantil em quase três anos no exercício da função, pode-se afirmar que, avaliando o quadro geral, realmente a estrutura oferecida para a educação infantil é muito boa. Obviamente que existem situações complexas e casos críticos em algumas EMEIS, mas novamente analisando o quadro geral, Uberlândia tem uma ótima estrutura a oferecer. Em todas as EMEIs, as crianças fazem 5 refeições por

¹⁸ Disponível em: <<http://www.uberlandia.mg.gov.br/2014/secretaria-pagina/-/1/811/secretaria.htm>> acesso em 27.10.14

dia e aprendem hábitos de higiene, como tomar banho, lavar as mãos, escovar os dentes, dentre outros. Além disso, elas têm acesso a brinquedos, carros, bonecas, bichos-de-pelúcia, bolas, brinquedos pedagógicos, livros, revistas, massinhas, tintas, etc.

A educação é baseada no equilíbrio entre o brincar e o educar. Porém, praticamente não existe o acesso a tecnologias como recurso pedagógico. Pode-se apontar que talvez esse seja um dos maiores desafios da educação atualmente, e, não só da educação infantil, mas de toda educação pública (básica, fundamental e média). Outros desafios e críticas à educação infantil não fazem parte desse trabalho, mas não se pode deixar de apontar que mesmo apresentando uma ótima estrutura para educação infantil, ainda exista muito trabalho a ser feito. E por considerar a educação infantil como um objeto de estudo complexo e bastante rico, existem muitas questões que poderiam ser tema de ótimos trabalhos.

Voltando ao foco do trabalho, o acesso às tecnologias como recurso pedagógico esbarra em dois pontos fundamentais:

1. Falta de recursos e projetos da prefeitura de Uberlândia para que se implante esses recursos nas salas de aula, e
2. Má formação e/ou falta de formação dos profissionais da educação para conseguir inserir esses recursos tecnológicos na rotina dos alunos.

Desses pontos, um ou outro poderá ser mais aprofundado nesse trabalho, principalmente pela análise de depoimentos de alguns educadores que atuam na educação infantil. Outras situações podem e deverão ser apontadas ao ser feita a análise desses relatos, como falta de interesse em usar, preguiça do profissional, dentre outros pontos que poderão ser observados.

Escolheu-se entrevistar apenas educadores infantis pelos seguintes motivos:

- Estarem presentes em sala de aula mais do que professores, pois a atual estrutura da educação infantil de Uberlândia faz com que o

educador faça mais falta na sala de aula do que o professor da educação básica, por exemplo.

- Por participarem da rotina do aluno por mais tempo, e
- Por todo debate que ocorre atualmente no país sobre o enquadramento desses profissionais no magistério. Debate este que está ocorrendo na cidade e até foi um dos pontos de pauta da greve dos educadores infantis ocorrida entre 01/08/2014 e 21/08/2014. Sendo que um dos pontos desse debate é a transformação dos educadores infantis em professores de educação infantil.

Portanto, a expectativa é conseguir esmiuçar a situação da educação infantil a partir de relatos de educadores infantis, e como esses profissionais vivem e trabalham no ambiente escolar. Como sua formação ajuda ou atrapalha na construção de uma educação de qualidade. E as falhas do sistema educacional, procurando debatê-las de forma consciente e abrangente, sem cair no senso comum e construindo uma análise firme, crítica, porém construtiva e reflexiva para remodelar a educação infantil.

2.1 Análise dos depoimentos dos profissionais que atuam na educação infantil

O primeiro depoimento a ser analisado será de Maria do Bairro (pseudônimo), educadora infantil da EMEI Sonia Aparecida de Oliveira, que atua há 6 anos na profissão e é formada em magistério. A entrevista foi realizada via *Facebook*. Elaborou-se um pequeno questionário em arquivo Microsoft Office Word 2007 e o mesmo foi enviado pela *inbox* do *Facebook* à entrevistada.

A forma escolhida serviu como teste aos entrevistados, que deveriam manusear um simples recurso tecnológico – como o são todas as modernas redes sociais – para que respondessem às perguntas. O questionário foi ainda elaborado de forma bastante direta e concisa, buscando fazer as questões necessárias para o foco do trabalho. Não se teve interesse em perguntar, por exemplo, pontos como local de trabalho e idade, dentre outros.

Ao responder as perguntas feitas, a entrevistada Maria do Bairro de pronto demonstrou certa dificuldade para utilizar o computador, o Office e a rede social *Facebook*. Ela enviou as repostas da seguinte maneira:



Figura I – questionário enviado aos entrevistados

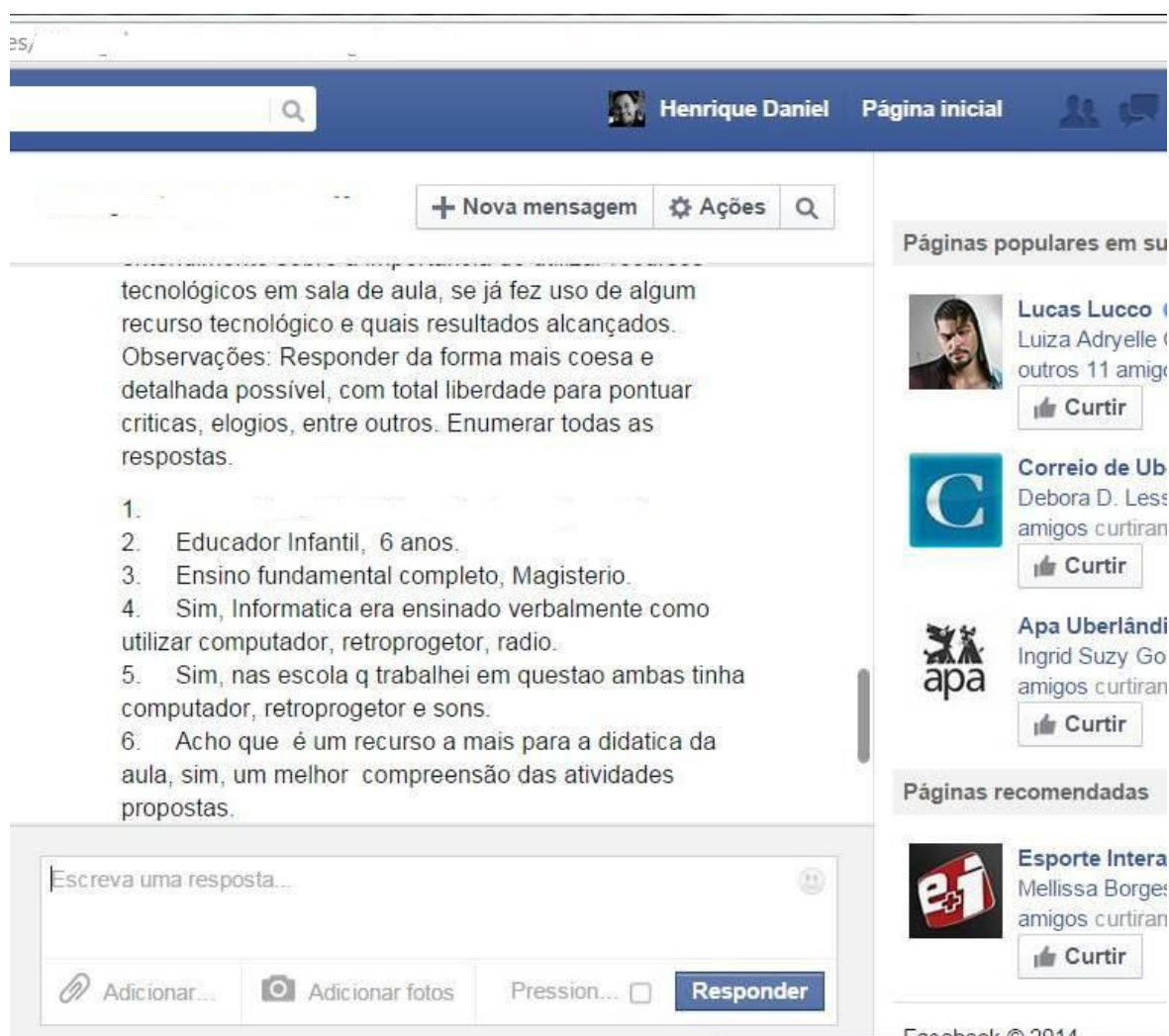


Figura II – resposta da entrevistada Maria do Bairro

No dia seguinte, ao enviar as suas repostas, Maria do Bairro alegou que havia feito daquela forma pois não conseguia responder por intermédio do Office, bem como não sabia como salvar o documento e enviá-lo por meio da *inbox* do *Facebook*. Perguntada sobre quais foram suas dificuldades, a entrevistada não conseguiu explicá-las, sendo que, para não constrangê-la, preferiu-se não se aprofundar nesse quesito.

Ao analisar as respostas de Maria do Bairro, percebeu-se que elas foram vagas e sem profundidade, sendo que esse fato se deu em razão da educadora não ter conhecimento sobre o tema, nem a formação necessária para compreendê-lo, dominá-lo e fazer possíveis levantamentos reflexivos sobre a questão. Percebeu-se ainda que isso está diretamente ligado à sua formação, que foi precária. Desde sua educação de base (ensinos fundamental

e médio), bem como em sua formação técnica: o magistério. Pela forma que a entrevistada respondeu as questões, ficou claro que o magistério de sua formação foi simplório e voltado apenas para o 'cuidar' da criança enquanto ela estiver dentro da 'creche'. Assim, tem-se claramente uma educadora infantil que foi 'educada' e profissionalizada na concepção de creche como 'depósito de crianças. Veja-se as respostas apresentadas pela entrevistada (não foram feitas correções ortográficas, no intuito de não se mascarar a latente má formação da profissional)

3. Sim, Informatica era ensinado verbalmente como utilizar computador, retroprojetor, radio.

4. Sim, nas escola q trabalhei em questao ambas tinha computador, retroprojetor e sons.

6. Acho que é um recurso a mais para a didatica da aula, sim, um melhor compreensão das atividades propostas.

A educadora Maria do Bairro demonstra que sua formação ainda engatinhava no tocante ao uso das tecnologias como recurso pedagógico. Ela aprendeu apenas verbalmente como utilizar um computador, rádio e retroprojetor. O que nos faz questionar: em se tratando de recursos tecnológicos, como se pode aprender apenas na teoria sem uso da prática? Acredita-se que durante a formação muito mais do que citar e teorizar como se deve utilizar recursos tecnológicos, deve-se praticar o uso desses recursos. Treinar, estudar, elaborar atividades e avaliar melhores formas de utilização deveria ser algo de praxe para a formação profissional. Quando isso não acontece, nos deparamos com essas situações, nas quais temos uma profissional que não sabe utilizar nada além de um DVD, uma TV e um aparelho de som. E para piorar a situação, ainda não consegue compreender de forma aprofundada como esse recurso realmente ajuda na didática da aula e na compreensão de atividades propostas. Óbvio que não se pode deixar de pontuar que a profissional aparenta não ter buscado as devidas especializações para se tornar uma educadora melhor formada.

Outro entrevistado foi a educador infantil Marcos Antônio Vitória Júnior, formado em História pela UFU, que atua na educação infantil há cerca de 3 anos na EMEI Luizote de Freitas.

Ele também foi entrevistado da mesma forma que a educadora anterior, porém, demonstrou bastante facilidade com uso da rede social e com as tecnologias envolvidas. Em suas respostas, percebeu-se algumas dificuldades de quem tem uma formação superior em outra área acadêmica, sendo que esta não abrange a educação infantil.

Quando questionado se seu curso ofereceu alguma formação sobre tecnologias em sala de aula voltadas para educação infantil, ele simplesmente respondeu que não. Sem dar mais detalhes ou fazer alguma crítica. Ao responder a questão 5 ele fez o seguinte levantamento:

“Desde que comecei não vi mudanças significativas, os únicos recursos tecnológicos disponíveis na escola são TV, DVD, Aparelho de som, e Retro projetor”

E ao responder a questão de número 6 apontou a seguinte reflexão:

“Vejo a tecnologia como uma aliada do ensino, e uma chamariz a mais para captar a atenção das crianças, sempre que posso costumo levar algum brinquedo tecnológico (avião de controle, carrinho elétrico), ou mesmo o retro projetor para exibição de filmes. Em minha sala também há vários celulares (que não funcionam mais), e que chamam bastante a atenção das crianças, vejo a tentativa de imitação dos adultos, por parte delas.”

Analisando o seu depoimento, percebe-se um educador infantil que tem um bom domínio sobre recursos tecnológicos, porém, demonstra que não sabe como utilizá-los para fins pedagógicos na educação infantil. Esse profissional é restrito pela própria estrutura precária da instituição, que cede apenas recursos como aparelhos de som, retroprojetores, aparelhos de DVD e TVs. Sendo esses recursos utilizados muito mais como um alívio, ou um descanso para o profissional, que coloca a criança para ver “galinha pintadinha”, ouvir historinhas, etc, para ver se assim elas ficam mais calmas e quietas.

Por outro lado, temos um profissional deslocado em uma educação infantil, eis que tem uma formação superior, mas ela não é adequada para atuar na educação infantil. Afinal, o curso de história, em sua parte de licenciatura, trabalha apenas o aluno para ser um professor de ensino fundamental e médio. Não existe nenhuma disciplina, ou pelo menos algum

tópico de alguma disciplina que discuta o papel do professor de história dentro da educação infantil. Com isso, nota-se que o Marcos Antonio ainda tenta fazer um trabalho de levar para seus alunos brinquedos tecnológicos, para que estes tenham acesso a vários tipos de tecnologias. Porém, mesmo reconhecendo a importância da tecnologia dentro da sala de aula, percebe-se que ele não consegue elaborar atividades pedagógicas de qualidade com tais recursos. Ressalte-se mais uma vez que os principais fatores para que isso ocorra são a sua formação em outra área acadêmica e a estrutura precária cedida pela instituição de ensino.

Ao receber as respostas de Gabriel Tobias Ramos Duque, percebeu-se um olhar diferente sobre a utilização de recursos tecnológicos para fins educativos na educação infantil. O entrevistado atua há pouco mais de 3 anos na rede municipal de educação infantil. Quando iniciou seu labor tinha apenas o ensino médio completo e agora tem superior em história. Ele atua como educador infantil na EMEI Gesimeire de Fátima Araújo. Ao responder o questionário, ele fez as seguintes afirmações, em especial no quesito de número 6:

Na educação infantil não vejo tanta importância, tendo em vista que o que pode ser feito (apresentação de filmes, vídeos e músicas) já está de acordo com minhas expectativas em relação à utilização desses meios tecnológicos para crianças dessa faixa etária.

Ele apontou que teve o mesmo tipo de formação sobre educação infantil e recursos tecnológicos que o entrevistado Marcos Vieira, já que eles se formaram na mesma instituição de ensino. Mostrou-se condescendente com o fato de sua EMEI usar recursos tecnológicos apenas para apresentar vídeos e filmes para os alunos. E por fim, apontou que não vê necessidade de nada além do que já existe na EMEI.

Acredita-se que esse posicionamento se deve à sua formação, deslocada da educação infantil e também ao entendimento do entrevistado acerca de que a criança nessa faixa etária não apresenta as devidas condições de formação para tal trabalho pedagógico.

Primeiramente, chama-se a atenção para o fato de que termos profissionais na educação infantil que não têm formação específica (caso no qual também se encontra o autor desse texto), resulta nesse deslocamento e falta de convicção desses profissionais, que tratam apenas da parte do ‘cuidar’ insculpida na educação infantil.

O profissional sem a devida formação não enxerga as capacidades de aprendizado das crianças e de certa forma acaba visualizando a EMEI apenas como um depósito para as mesmas. Esse é o perfil de mais de 50% do contingente profissional dos educadores infantis de Uberlândia. Esse levantamento foi feito pela secretária de educação da cidade e repassado a nós durante um debate sobre o plano de cargos e carreiras da cidade. Nesse debate, a informação foi transmitida pela própria secretária de educação, Gercina Santana Novais. E ao se entrar em contato com a Secretaria de Educação, para que pudessem me enviar esse levantamento, esta se recusou a ajudar, alegando desconhecer tal informação e não ter documentos sobre tal assunto.

A próxima entrevista foi dada em ‘*off*’, sendo que a entrevistada possui algumas décadas de profissão na educação infantil, e tem somente ensino médio até hoje. Inicialmente, ela não quis fazer a entrevista, pois se sentiu constrangida. Contudo, após muito diálogo, conseguiu-se convencê-la a realizar a entrevista, desde que seu nome não fosse divulgado, bem como o da EMEI em que ela desempenha suas funções, de forma que a profissional não pudesse vir a ser identificada no futuro. Ela ainda não permitiu que fossem feitas quaisquer gravações ou anotações ao seu respeito.

Assim, tratou-se de uma conversa informal mesmo, e para efeitos didáticos, mencionaremos tal pessoa pela alcunha de Rose, eis que a entrevistada preferiu que fosse feito dessa forma por ter ficado envergonhada de nunca ter buscado uma formação acadêmica. Isso se deve, de acordo com ela, ao fato da mesma ter sido criada para ser dona de casa.

Ela entrou na educação infantil no início da década de 1990, quando tinha apenas ensino fundamental. Já era casada e apenas saiu de casa para

trabalhar porque passavam por certa necessidade financeira e por seu emprego ser em uma escola que tinha apenas mulheres, por isso o marido autorizou o seu trabalho. Durante o início dos anos 2000 procurou fazer um supletivo para concluir o ensino médio, no escopo de que pudesse aprimorar seus ganhos mensais. A entrevistada nunca deixou de conceber a EMEI como uma creche. E não tem interesse em práticas pedagógicas para ensino das crianças, tanto que prefere trabalhar com os alunos de Berçário/G1, cuja faixa etária se compreende entre os 9 meses de vida e os 2 anos de idade. Ressaltou que sua função é fazer a higiene das crianças, banha-las, alimentá-las, deixá-las brincar administrar a rotina da escola (preparar o lanche da manhã, cuidar da rodinha de musicas etc). Afirmou ainda que apesar de vivermos num mundo tecnológico, o uso de vídeo para passar filmes como os da Galinha Pintadinha, turma da Mônica, dentre outros, é mais que necessário para a educação infantil. Ela compreende que os novos profissionais que estão entrando na educação infantil estão melhores formados, cabendo a eles fazer mudanças para desenvolver esse nível de educação.

Quando a questionada acerca de sua busca por formação mais elevada, ainda que fosse para aprimorar seu salário, ela disse que sempre dependeu do marido, que ele sustenta a casa e paga todas as contas. E que atualmente o salário dela custeia seus gastos com necessidades pessoais e/ou de seus netos. Seus filhos já estão formados e caso um dia seu marido lhe falte, seja qual for o motivo, ela teria nos filhos um porto seguro.

Por fim, a ultima entrevista foi a realizada com a educadora infantil Lidiana dos Santos. A entrevista foi gravada em vídeo, e o filme foi postado no *Youtube* (os endereços estão em anexo).

Segue a transcrição da entrevista¹⁹

“Meu nome é Lidiana dos Santos Silva, eu atuo na educação infantil há nove anos. Quando eu entrei na educação infantil era auxiliar de creche, a escolaridade exigida era oitava série.

¹⁹ A transcrição da entrevista está feita conforme a entrevistada respondeu às perguntas. Os erros de português constantes das frases expostas representam fielmente o que foi dito pela educadora.

Hoje eu estou cursando o ultimo período de pedagogia....pedagogia a distancia numa universidade federal, a UFOP, federal de Ouro Preto.

Eu atuo na educação infantil da rede municipal de Uberlândia desde o ano de 2006. Como naquela época apenas exigia a oitava série então não tinha, naquela época já não existia o uso da tecnologia na educação infantil como ferramenta pedagógica, na verdade o uso da tecnologia como ferramenta pedagógica é uma coisa mais recente, foi depois da expansão da mídia, do acesso às redes de comunicação, que a tecnologia começou a entrar na educação infantil, aí começou a entrar através dos portfólios de fotos e hoje em dia a gente já vê alguns outros recursos sendo utilizados na educação infantil.

Claro que isso demanda o quê: planejamento. Aí cai no quesito de que hoje a maioria dos profissionais atuantes na educação tem uma formação e uma metodologia tradicional, eles não receberam durante o processo de formação universitária, é, um, eles não estudaram, tiveram um módulo de uso da tecnologia pra aplicar como pratica pedagógica, hoje, nos cursos mais atuais, eles já tem esse módulo, que é um módulo de media é educação que você aprende a usar, ensinar o aluno, o uso consciente da, das ..., das tecnologias, e aprende a utilizar eles como ferramenta pedagógica em sala de aula, pra melhorar, tornar mais criativo, mais dinâmico o processo de aprendizagem.

Durante minha formação, que eu to no ultimo período cursando licenciatura em pedagogia, no ultimo período, eu tive três módulos para aprender trabalhar a tecnologia em sala de aula. Todos dentro de atividade acadêmica científico-cultural, então dentro desse conteúdo o que que a gente aprendeu, dentro desses módulos a gente aprendeu a usar o recurso de foto, trabalhar com programas de computação, com o movie maker, e outros que dá pra usar dentro da sala de aula, tanto com os alunos como no planejamento pra elab... pra trazer recursos diferentes pra ilustrar as aprendizagens que estão sendo realizada dentro da sala de aula. Então eu aprendi a usar fotos, montagem de vídeos, programação de radio, diversos recursos, todos que podem ser usados para potencializar o ensino e aprendizagem e... i... em qualquer modalidade de ensino: fundamental, infantil, médio.

Na unidade de ensino infantil que eu trabalho a... o uso da tecnologia, ele ainda é muito precário, ele se restringe ao uso da câmera, pra uso... tira foto, montagem de portfólio, que é o portfólio feito de fotos e o data show, na verdade é muito pouco utilizado aqui na educação infantil, porque, porque pra usa a tecnologia dentro da sala de aula pra agregar mais ao ensino das crianças é preciso o que? Planejamento e um planejamento com uma intencionalidade pedagógica, hoje na educação infantil se trabalha muito por projetos e dentro dos

projetos, você pode tá trazendo muitos vídeos, monta trabalhos que dá com o uso da tecnologia, porém, isso não acontece porque a maioria dos professores não teve formação inicial e nem busca uma formação continuada pra poder tá empregando como ferramenta pedagógica.

Dentro da educação infantil, o uso da tecnologia, ele é muito bem vindo, por quê? Porque as crianças geralmente elas aprendem mais co... como esse processo de vivenciar, de ver um vídeo, só que pra que isso aconteça tem que haver planejamento, um planejamento mais intencional, porque isso exige mais do professor: pesquisa, exige ação e reflexão durante ação pedagógica. Porque o professor ele tem... ele vai pesquisar, traz um aporte tecnológico pra dentro da sala, ele tem que ver se aquilo... se atingiu, se a proposta atingiu o que ele esperava, se as crianças conseguiram dimensionar e produzi uma aprendizagem significativa através daquele que ele trouxe pra sala de aula, então é, acho que é por aí que a gente encontra muitas barreiras de trazer a tecnologia pra dentro da escola, por que a maioria dos profissionais são tradicionais, e pra eles, além da dificuldade do uso da tecnologia, eles acham que não tem valor nenhum, que não agrega, que as crianças são muito pequenas, que não vão entender e também não querem dispensar um tempo muito maior em planejar, em busca essas atividades, porque um planejamento com o uso da tecnologia em qualquer modalidade da educação vai exigir um planejamento, uma pré-disposição maior, então acho que a grande barreira pra que se efetive o uso da tecnologia dentro do contexto infantil é o próprio professor, porque ele por não sabe e muitas vezes as crianças sabem mais, porque eles já nasceram na era da mídia-educação, eles tem um contato com a tecnologia desde muito pequeno, dentro de casa, em todos os espaços sociais que eles vivem, muitas vezes eles sabem mais do que o professor, então o professor tem esse medo e esse medo gera uma barreira que ele não consegue ultrapassar se ele não buscar uma formação. Eu, enquanto cursista, estou terminando agora, eu pretendo usar muito a tecnologia dentro da sala de aula, em qualquer modalidade que eu atua, não só no laboratório de informática, não restringir o uso da tecnologia a um laboratório de informática, porque qualquer in...a tecnologia pode ser usada num contexto interdisciplinar, em qualquer disciplina, em qualquer... com qualquer conteúdo, então eu gostaria e pretendo, eu sei que não vai ser fácil, porque romper com o ensino tradicional é muito difícil, mas eu pretendo usar bastante a tecnologia em sala de aula, como, não só pra dinamizar, mas pra tornar o ensino e aprendizagem mais, mais criativo, mais interessante para criança, porque eles convivem com a tecnologia, em tempo integral fora da escola, então a escola hoje tem a obrigação de trazer a tecnologia pra dentro da sua estrutura.

Logo no início da entrevista, ao se apresentar, a entrevistada já pontua que, no início, para ser um auxiliar de creche – hoje educador infantil – era apenas necessário que o profissional tivesse completado o ensino fundamental, e por ela afirmar trabalhar na área a 9 anos, temos que, no mínimo até 2006, ainda exigia-se apenas uma formação fundamental. Com isso percebemos que, apesar de todo histórico que vimos no capítulo anterior, na cidade Uberlândia a educação infantil ainda engatinhava. A entrevistada, durante todo momento, fala da questão da educação tradicional e como uma formação assim impede que profissionais da educação busquem reciclagem para novos métodos e possibilidades para o ensino e aprendizagem. Além disso, apesar dela não dizer de forma clara, ficou intrínseca em seu discurso a existência de uma certa ‘preguiça’ do profissional da educação em procurar outras possibilidades de também se educar.

Ela não deixou ainda de pontuar, assim como os outros entrevistados, a falta de uma estrutura mínima para uso de recursos tecnológicos na instituição que trabalha. O que impede que se possa planejar aulas e utilizar recursos tecnológicos em sala de aula fora dos meios comuns e mais simples, como som, vídeo, data show, dentre outros.

Ao comentar sobre sua formação, a entrevistada aponta que mesmo fazendo um curso de pedagogia a distância, existem na grade curricular do curso disciplinas específicas para que os graduandos entrem em contato com formas, possibilidades, recursos e maneiras de se pensar, refletir, construir e planejar aulas com o auxílio de recursos tecnológicos. O que é um grande avanço, se comparado com os outros entrevistados.

No final da entrevista ela aponta que pretende usar sim recursos tecnológicos em sala de aula, por conceber que a escola necessita acompanhar essa transformação tecnológica que já ocorre no mundo.

Por fim, outros educadores infantis foram convidados a participar da entrevista, mas não quiseram ou não puderam participar.

2.2 Das expectativas da educação infantil frente ao moderno avanço tecnológico

Ao analisarmos as entrevistas feitas com alguns educadores infantis da rede municipal de educação da cidade de Uberlândia, concebemos como a formação desses profissionais reflete no modo como ocorrem as atividades pedagógicas, nos projetos e no desempenho da docência na sala de aula.

Conforme citado anteriormente, de acordo com a atual secretária de educação da cidade, vimos que muitos dos educadores infantis, num contingente total de aproximadamente 1000 profissionais, não têm formação na área específica de educação infantil (magistério ou pedagogia) e que alguns casos ainda tem ensino médio ou menos que isso. E isso interfere nitidamente na concepção, atuação e qualidade do ensino de educação infantil nas EMEIs de Uberlândia.

Ao chegarmos nessa conclusão, batemos de frente com o histórico feito sobre o desenvolvimento da educação infantil abordado no primeiro capítulo deste trabalho. Vimos que a partir da década de 1970 a educação infantil começou a ter espaço nas discussões sobre educação na sociedade acadêmica brasileira. Vimos também que muitas das normas afetas à educação infantil, principalmente após a constituição de 1988, passaram a considerar essas instituições como algo superior a uma reles creche ou depósito de crianças criados para atender as necessidades de pais e mães trabalhadoras.

Com isso, apontamos que o primeiro passo para conseguir ter um educação infantil que atenda às propostas feitas em normas curriculares e na LDB, é promover a formação adequada daqueles profissionais que ali estão. E exigir dos futuros profissionais que tenham interesse em trabalhar nessa área uma formação específica.

Feito isso, essa formação precisa dialogar com o mundo a sua volta e conseguir trazer para dentro das escolas questões que interferem no cotidiano das pessoas. A escola precisa estar aberta para a sociedade, tornando-se um espaço cultural diversificado e multidisciplinar, que atenda às diversidades das

demandas que estão presentes em nossa sociedade. E dentre essas demandas, aponta-se que a escola não pode mais deixar-se ficar para trás no tocante aos recursos tecnológicos e seus constantes desenvolvimentos.

Ao tratar do tema, Seymour Papert²⁰ propõe

[...] uma “megamudança” na sala de aula, sendo para isso necessário a inclusão de novas tecnologias, e o reconhecimento da importância delas na formação das crianças. Tais inovações podem ser perpetradas por intermédio de vídeos e jogos, eis que são importantes ferramentas no desenvolvimento intelectual das crianças, sendo um recurso útil a aprendizagem. O Educador precisa buscar a capacitação e novos conhecimentos, contribuindo assim para uma educação de qualidade, pois deste modo conseguirá formar cidadãos críticos, pensantes, preparados para atuarem nessa sociedade tecnológica.

Cabe aos centros de formação dos profissionais da educação, e isso em relação a todas áreas acadêmicas, promover também uma formação ‘tecnológica’ do profissional da educação infantil. Essa iniciativa poderia ser perpetrada por meio de cursos, disciplinas, projetos acadêmicos e pesquisas de extensão sobre as possibilidades e recursos tecnológicos que poderiam auxiliar no ensino dentro das escolas.

É quase inadmissível que um aluno na faixa etária de 0 a 3 anos ter domínio sobre computadores, tablets, smartphones, dentre tantos outros recursos tecnológicos e os nossos profissionais da educação mal saberem usar um email, acessar um site na internet ou operar o *Facebook*. Num futuro próximo será praticamente impossível educar nossas crianças sem a presença e a vivência dos recursos tecnológicos que nos estão postos.

Pelas entrevistas realizadas nesse segundo capítulo, restou claro que o principal entrave ao implante dos recursos tecnológicos em sala de aula fica a cargo da má formação do profissional da educação infantil. Baseados nessas entrevistas percebemos que a estrutura cedida pela escola e pela prefeitura não é um fator principal para a defasagem da implantação de tais meios na

²⁰ PAPERT, Seymour, **A Máquina das Crianças: Repensando a Escola na Era da Informática**. Porto Alegre: Artmed Editora, 1993.

sala de aula de educação infantil, afinal, vemos que os profissionais da educação aproveitam dessas falhas na estrutura e no sistema educacional para não cobrar melhorias que possibilitem o uso de tecnologias.

Os profissionais da educação aproveitam, desse modo, para ocultar suas próprias dificuldades e deficiências sob o manto da defasagem estrutural do aparato educacional público. Se restringindo a usar recursos mínimos e simplórios, como os aparelhos de som, DVDs, vídeos e retroprojetores. Ademais, esses profissionais também não querem perder seu tempo planejando atividades para utilizar algum recurso tecnológico, afinal, tal atitude demanda um mínimo de noção acerca do recurso a ser utilizado, o que muitas vezes o profissional não tem, sendo que muitos deles sequer possuem o tal recurso em casa, não sabendo, por esse motivo, montar um planejamento metodologicamente adequado para que consigam atingir objetivos básicos de aprendizado e educação.

Devemos considerar a saída do modelo tradicional de gestão educadora, tornando os profissionais da área mais capazes de romper alguns paradigmas ultrapassados e com isso trazer novas estruturas para a educação. Vivemos em um mundo que tem altas exigências de qualificação profissional, e os profissionais da educação infantil não estão acompanhando essa demanda de recursos tecnológicos, que não para de crescer, produzir e inovar. Nesse sentido, podemos ver o crescente abismo entre uma minoria que consegue lidar com esses recursos tecnológicos e, do outro lado, uma maioria que ainda engatinha no domínio de novos instrumentos tecnológicos.

Hoje lidamos com toda uma geração sendo amplamente educada pela mídia. E as crianças que estão na educação infantil, mesmo sendo de uma faixa etária muito tenra, também têm mais e mais acesso a essas tecnologias. Cabe às EMEIs enfrentar o desafio de um sistema de informação tão grande e amplo e desenvolver a consciência crítica dos alunos nos espaços escolares com o auxílio das novas tecnologias. Os recursos são variados e abrem um leque de grandes possibilidades. As escolas podem usar lousas digitais, computadores com acesso a internet e até a distribuição de notebooks para

professores e crianças nos primeiros anos do ensino escolar. A utilização das tecnologias em sala de aula como aliada no processo de ensino-aprendizagem desde a educação infantil, pode ser uma grata ferramenta para auxílio do profissional da educação, além de significar um salto de qualidade na educação. Sem contar que poderemos ver uma escola cada dia mais inclusiva e cidadã, atendendo as demandas da sociedade que a escola está incluída.

Nesse sentido, veja-se a lição de Glaucia da Silva Brito

[...] devemos observar também que vivemos em uma sociedade tecnologizada. No cotidiano do homem do campo ou do homem urbano, ocorrem situações em que a tecnologia se faz presente e necessária. Assumimos, então, educação e tecnologia como ferramentas que podem proporcionar ao sujeito a construção de conhecimento, preparando-o para saber criar... ou seja, estamos em um mundo em que as tecnologias interferem no cotidiano, sendo relevante, assim, que a educação também envolva a democratização do acesso ao conhecimento, à produção e à interpretação das tecnologias.²¹

Por fim, como foi apontando inicialmente, vemos que o caminho da educação infantil perpassa por reconhecer a necessidade de repensar a formação do profissional que já é integrante dessa modalidade de educação, mas também renovar a formação para os futuros profissionais que atuaram na educação infantil. Aliás, é exatamente isso que Leopoldo²² defende quando afirma:

Pode-se concluir que o uso de recursos tecnológicos na educação infantil contribui ativamente para o desenvolvimento de aprendizagem dos alunos, pois a tecnologia está presente no contexto social em que eles vivem, sendo assim será possível aproximá-los mais perto dos objetivos que o professor quer desempenhar com a sua aula. Portanto existe a necessidade de uma melhor capacitação dos educadores, devem estar sempre atualizados sobre os recursos tecnológicos, pois as mídias tecnológicas mudam constantemente.

Por outro lado, necessitamos construir uma escola com princípios de escola cidadã. Uma escola que faça parte de sua sociedade, que seja um dos

²¹ BRITO, G. S. **Educação e novas tecnologias**. 2. ed Curitiba, PR: Editora Ibpex, 2008.

²² LEOPOLDO, L.P. (Org). **Novas Tecnologias na educação: reflexões sobre a prática**. Maceió: EDUFAL, 2002

vários locais de pluralidade, de cultura, diversidade e que leve demandas para a sociedade, mas também saiba absorver as demandas dessa sociedade. Uma escola que transforme e construa o conhecimento e não apenas o reproduza.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

‘Vamos fazer pam, pampanranrampampam’

Se na introdução desta monografia optou-se por colocar como título o trecho de uma musica comum na rotina da educação infantil, nada mais justo do que terminar o presente trabalho com o trecho final da musica em questão.

Na introdução utilizamos esse recurso do trecho da musica para propor alguns direcionamentos. Naquele momento era necessário elucidar ao leitor algumas questões que ajudassem na reflexão e análise durante a leitura deste trabalho. Isso não significa que a intenção era tirar a liberdade crítica do leitor, mas sim que em sua leitura ele considerasse algumas questões inerentes à educação infantil. Porém, as considerações finais que serão feitas não têm mais essa necessidade de direcionar o leitor. Cabe aqui fazer reflexões sobre os assuntos levantados no decorrer do estudo: o tema em si, a educação infantil, o uso de recursos tecnológicos na educação e demais questionamentos que por ventura possam ter surgido durante a feitura deste trabalho. Pretende-se usar desse espaço apenas para discutir e finalizar as questões que enfocadas desde o início do texto. Compreende-se que algumas indagações apareceram no decorrer da leitura, e que outras reflexões possam também ter surgido. Mas pretendo me ater ao tema debatido no trabalho. Demais reflexões são válidas e devem ser feitas, mas cabe ao leitor, ao fim de sua leitura, concebe-las, para que assim cada um, na liberdade de sua construção analítica e crítica, possa promover outros debates acerca do tema.

Vimos no capítulo I deste trabalho como se desenvolveu a educação infantil ante as transformações sociais, econômicas e políticas no mundo, principalmente com o advento do capitalismo. Percebemos como, a partir da Revolução Industrial, o surgimento de um mercado de trabalho gerou a necessidade de criação de locais onde os pais pudessem deixar seus filhos durante seus momentos de labor. E com a criação desses locais no decorrer do tempo, surgiu a discussão de transforma-los em escolas. À medida que essas discussões ganharam força na sociedade, normas, leis, estudos, entre outros,

foram sendo feitos para promover a construção de uma educação infantil, que não mais se comportasse como meras creches, depósitos de menores, etc.

Esses questionamentos finalmente aportaram no Brasil quando o país começou seu projeto de industrialização. E podemos ver, durante a leitura do capítulo I, como o nosso país discutiu, principalmente no âmbito acadêmico e político, a construção de uma educação infantil. Percebemos, contudo, que mesmo a legislação brasileira sendo muito avançada no quesito de debater e promover o desenvolvimento de uma educação infantil de qualidade, a prática dessas discussões sobre o tema ainda não acompanha a teoria.

Isso fica evidente no capítulo II, no qual pudemos analisar as entrevistas dos educadores infantis de Uberlândia, e onde consta a situação defasada da educação infantil e da formação de seus profissionais.

Enquanto temos países na Europa que priorizam a educação infantil de tal forma que exigem a melhor formação de seus profissionais, além dos profissionais da educação terem uma excelente remuneração²³, no Brasil, a educação infantil ainda é tratada com enorme descaso. Isso ficou comprovado quando percebemos que até o ano de 2006 ainda era exigido somente nível de formação fundamental dos educadores infantis da cidade de Uberlândia. E essa situação uberlandense é válida para que se mensure como está a situação nacional, pelo fato da estrutura da educação infantil da cidade de Uberlândia ser considerada uma das melhores do país.

Outro dado que comprova como a situação brasileira em relação a educação infantil ainda possui uma grande distância entre a teoria e a prática, é o de que recentemente nossa presidenta Dilma Rousseff, decretou que o mínimo exigido para ser um profissional atuante na educação infantil seja o técnico em magistério. Sendo que este curso já está defasado e não atende mais as necessidades acadêmicas que estão sendo propostas para termos uma educação infantil de qualidade.

²³<http://revistaeducacao.uol.com.br/textos/blog-daniel/as-licoes-da-finlandia-para-o-brasil-289995-1.asp>

Voltando ao caso de Uberlândia, o último concurso público para educador infantil, realizado no ano de 2010, exigia nível médio dos participantes. Porém, não se pode deixar de apontar que o processo seletivo para educador infantil para o ano de 2015, de acordo com o site da prefeitura de Uberlândia, exige formação mínima no curso técnico em magistério. Uma evolução, se pensarmos que a menos de 10 anos atrás o mínimo era o nível fundamental.

Outro fato que também merece uma ressalva é o de que a proposta do novo plano de cargos e carreiras da cidade de Uberlândia (PCCS) para os servidores municipais, sancionado em agosto/setembro deste ano, propõe a divisão do cargo de educador infantil em duas categorias distintas: a I e a II. O cargo de educador infantil I seria aquele em que o profissional não tem a formação específica, colocando as vagas ocupadas dessa maneira em extinção à medida que os profissionais que ainda estão nesse cargo se aposentem, exonem ou troquem de cargo. O educador infantil I ainda poderá saltar para educador infantil II, caso consiga a formação específica necessária, que pode ser técnico em magistério ou pedagogia.

Já o cargo de educador infantil II exige essa formação específica citada. Além disso, tais profissionais ganham o benefício de acumular um cargo de professor, e também podem lutar pelo direito de enquadramento no magistério. Contudo, o educador infantil II acumulará deveres que antes eram inerentes somente ao cargo de professor dentro da sala de aula. Mesmo assim, não se pode deixar de apontar que a divisão do cargo de educador infantil e a exigência de uma formação mais adequada para a execução da função, não é a melhor forma de suprir as necessidades da educação infantil. Esse mesmo PCCS propõe a criação do cargo de professor auxiliar de educação infantil, exigindo desse novo cargo a formação em pedagogia, mas isso pode acarretar mais conflitos dentro da sala de aula da educação infantil.

Primeiro, a própria prefeitura, ao anunciar a criação deste cargo, emitiu uma nota para os EMElS dizendo que isso não significaria que os professores que atualmente exercem sua função na educação infantil serão retirados dela e

realocados em outras escolas. Então, se pensarmos um pouco, concluiremos que poder-se-á ter dentro de uma mesma sala de aula de educação infantil a seguinte situação: um educador infantil I, um educador infantil II, um professor auxiliar e um professor. Ou seja, quem ficaria responsável pela sala, quais seriam as atribuições de cargos, quem faria o quê?

A relação dentro da sala de aula já é conflituosa, eis que temos professores e educadores infantis, imagine-se como não será quando tivermos mais duas categorias diferentes. Isso tudo poderia ser resolvido de uma forma bem tranquila se o PCCS estipulasse a criação do professor de educação infantil, exigindo uma graduação adequada, dedicação exclusiva e um salário justo. Percebemos, contudo, que até o momento a prática de uma educação infantil de qualidade está apenas no início.

Outro ponto tratado nesse trabalho foi à questão da tecnologia como recurso pedagógico para educação infantil. Vimos no final do primeiro capítulo como a utilização de alguns recursos tecnológicos possibilitou um bom projeto educacional numa turma de G3. Vimos ainda como o uso de alguns recursos tecnológicos ajudou a tratar um caso de racismo que ocorria nessa mesma turma. E durante o segundo capítulo, principalmente nas entrevistas – que foram direcionadas para questionar os entrevistados sobre a tecnologia e a educação – percebemos como a educação esbarra no uso de recursos tecnológicos em sala de aula. Vários problemas foram levantados: falta de estrutura adequada, falta de investimento, falta de formação adequada, falta de vontade e planejamento do profissional da educação, dentre outros.

Vemos a cada dia que passa que a tecnologia avança rapidamente. Um exemplo disso é o dos aparelhos celulares. Quando a NOKIA lançou o famoso 3310, modelo que aqui no Brasil revolucionou a telefonia móvel, esse modelo era tudo de mais avançado e moderno quando se tratava de celular no Brasil. Ele rompeu ferozmente com o padrão do celular analógico e fez com que entrássemos à força na era digital. Nos dias atuais convivemos com os smartphones, e a cada três meses lança-se um modelo novo, com uma infinidade de novos recursos. Celulares que fazem quase tudo: entram na

internet, acessam email, redes sociais, mandam mensagens, e, pasmem, ainda servem para ligar(!). Uma evolução rápida, como a de um carro de fórmula 1. Enquanto o telefone criado lá no início do século 20 demorou quase 100 anos para evoluir, o celular em pouco mais de 20 anos percorre um estrada em alta velocidade de desenvolvimento e evolução.

Assim, vivemos uma verdadeira revolução tecnológica, e a cada dia que passa, mesmo que contra nossa vontade, vemos nossas vidas serem inundadas com recursos tecnológicos por todo lado.

Partindo desse pressuposto, refletimos acerca do papel da escola ante essas transformações tecnológicas, que se abatem também sobre o mundo escolar. Por isso, devemos ressignificar os velhos e os novos rumos e sentidos da educação.

José Manoel Moran, em acertada lição nos adverte que:

Nosso desafio maior é caminhar para um ensino e uma educação de qualidade, que integre todas as dimensões do ser humano. Para isso precisamos de pessoas que façam essa integração em si mesmas no que concerne aos aspectos sensorial, intelectual, e emocional, ético e tecnológico, que transitem de forma fácil entre o pessoal e o social, que expressem nas suas palavras e ações que estão sempre evoluindo, mudando, avançando.²⁴

Quando a entrevistada Lidiana dos Santos disse que um dos motivos dos profissionais não usarem recursos tecnológicos em sala de aula, deve-se à educação tradicional, isso nos leva a repensar como a escola poderá ficar à parte desse mundo de constantes evoluções tecnológicas. E como os profissionais da educação poderão acompanhar seus alunos, se aqueles não dominarem recursos tecnológicos, eis que, conforme já citado no trabalho, crianças de 0 a 3 anos já tem conhecimento de alguns recursos e até certo domínio dos mesmos.

Os profissionais da educação não podem ficar alheios a essa evolução. A escola precisa saber tirar proveito dessas tecnologias para proporcionar uma

²⁴ MORAN, José Manuel; MASSETO, José Manuel; BEHRENS, Marilda Aparecida. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. 16. ed. Campinas, SP: Papirus, 2009.

educação de qualidade. Hoje um aluno com 5 minutos de pesquisa no Google, consegue ter acesso a um tema de história que um professor demorou 50 minutos para explicar. Não está-se dizendo que o aluno aprenderá melhor no Google do que com o professor. O que se quer dizer é que, se antigamente o aluno mal tinha a explicação do tema pelo professor, hoje o aluno tem a explicação do professor, tem o livro e tem o Google, no qual ele acha artigos, vídeos, ilustrações, curiosidades, etc. O professor que não se modernizar pode perder espaço para um recurso tão simples como uma pesquisa no Google.

Portanto, finaliza-se essas considerações finais, dizendo que romper as barreiras da educação tradicional será um importante passo para a formação tecnológica de profissionais da educação. Óbvio que existem outras questões que também impedem o pareamento entre educação e tecnologia. Não pretende-se aqui ignorá-los, porém, não se pode deixar de apontar que os profissionais da educação busquem essa formação, independentemente dos outros empecilhos. À medida que nós profissionais da educação procurarmos formação, planejamento, projetos e propostas para incluir tecnologias em sala de aula, logo essas necessidades serão temas de debates na nossa sociedade, e assim poderemos construir uma educação cidadão, digna, com qualidade, plural e que represente os anseios de nossa sociedade.

ENTREVISTAS

Gabriel Tobias Ramos Duque, 25 anos, educador infantil. Entrevista concedida em 10/10/2014 via *Facebook*.

Marcos Antonio Vitória, 26 anos, educador infantil. Entrevista concedida em 11/10/2014 via *Facebook*.

Maria do Bairro, 30 anos, educadora infantil. Entrevista concedida em 07/10/2014 via *Facebook*.

Lidiana dos Santos Silva, 32 anos, educadora infantil. Entrevista concedida em 10/09/2014 através de gravação de vídeo feito no local de trabalho da mesma.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARRETO, Ângela M. R. **Situação atual da educação infantil no Brasil**. In: **Ministério da Educação e do Desporto. Subsídios para o credenciamento e funcionamento de instituições de educação infantil**. v. 2. Coordenação Geral de educação infantil. Brasília: MEC/SEF/COEDI, 2008;

BRASIL, **Ministério da Educação e do Desporto**. Secretaria de Educação Básica. **Política nacional de educação infantil**. Brasília, DF: MEC/SEB, 2006;

_____, **Ministério da Educação e do Desporto**. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. Brasília, DF: MEC/SEF, 1998;

_____. **Ministério da Educação**. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil / Secretaria de Educação Básica**. – Brasília : MEC, SEB, 2010;

BRITO, G. S. **Educação e novas tecnologias**. 2. ed Curitiba, PR: Editora Ibpex, 2008;

DIDONET, Vital. **Creche: a que veio, para onde vai**. In: **Educação Infantil: a creche, um bom começo**. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais. v 18, n. 73. Brasília, 2001;

LEOPOLDO, L.P. (Org). **Novas Tecnologias na educação: reflexões sobre a prática**. Maceió: EDUFAL, 2002;

MARX, Karl. **Divisão do trabalho e manufatura**. In: **O Capital**. São Paulo: Difel, I. 1, v. 1, 1982;

MORAN, José Manuel; MASSETO, José Manuel; BEHRENS, Marilda Aparecida. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. 16. ed. Campinas, SP: Papirus, 2009;

OLIVEIRA, Zilma Moraes R. **Creches: Crianças, faz de conta & Cia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1992;

_____, Zilma Moraes R. **Educação infantil : fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2002.

ONGARI, Bárbara; **MOLINA**, Paola. **A educadora de creche : construindo suas identidades**. Tradução: Fernanda L. Ortale e Ilse Paschoal Moreira. São Paulo: Cortez, 2003;

PAPERT, Seymour ,**A Máquina das Crianças: Repensando a Escola na Era da Informática**. Porto Alegre: Artmed Editora, 1993;

RIZZO, Gilda. **Creche: organização, currículo, montagem e funcionamento**. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003;

SANCHES, Emilia Cipriano. **Creche – realidade e ambigüidades**. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2004;

TIRIBA, Lea. **Educar e cuidar: buscando a teoria para compreender discursos e práticas**. Rio de Janeiro: Ática, 2005;

Sites da Internet

<<http://www.uberlandia.mg.gov.br/2014/secretaria/30/educacao.html>> acesso em 09.10.14

<<https://www.youtube.com/watch?v=z2tx6mr42aI>> acesso em 09.10.14

<<https://www.youtube.com/watch?v=10tnYjmwY0o>> acesso em 14.10.14

<<https://www.youtube.com/watch?v=DDJrTayjtkY>> acesso em 17.10.14

<<https://www.youtube.com/watch?v=xQ5JLMAU8Fk>> acesso em 29.10.14

<<https://www.youtube.com/watch?v=3BJshNlzzko>> acesso em 15.11.14

<<http://www.webartigos.com/artigos/o-uso-de-recursos-tecnologicos-na-educacao-infantil/104886/>> acesso em 02.12.14

<<http://revistaeducacao.uol.com.br/textos/blog-daniel/as-lico-es-da-finlandia-para-o-brasil-289995-1.asp>>